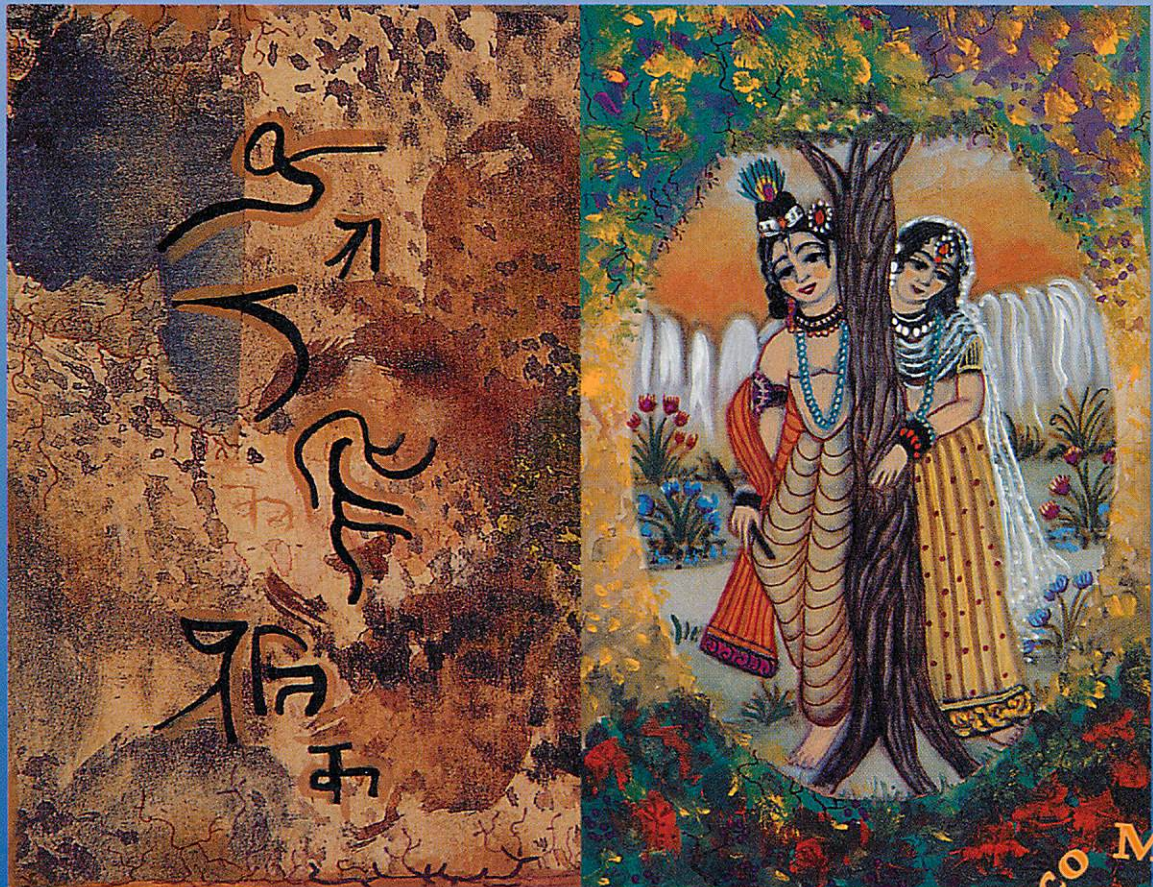




COMUNIDADE EUROPEIA
Fundo Social Europeu

Educar para a Diversidade

Goa



Inês de Magalhães

Bloco Multimedia



CEMRI

Goa

Maria Inês Macias de Mello Magalhães



C≡MRI

Com o patrocínio de:/Supported by:/Sous le patronage de:

- **Câmara Municipal de Lisboa**
Acção Social
Conselho Municipal das Comunidades Imigrantes e Minorias Étnicas; Projecto LIA
- **Departamento de Educação Básica do Ministério da Educação**
- **Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas do Ministério dos Negócios Estrangeiros; Fundo Social Europeu/Projecto "Saber Viver numa Europa Multicultural"**
- **Fundação Calouste Gulbenkian**
Departamento de Educação

FICHA TÉCNICA

Título: Goa

Autor: Maria Inês Macias de Mello Magalhães

Orientação científica: Natália Ramos

Coordenação de Edição: Maria Beatriz da Rocha-Trindade

Edição: Universidade Aberta

Palácio Ceia • Rua da Escola Politécnica, 147

1250 Lisboa

Concepção gráfica: Deltagraphos, Design e Publicidade, Lda.

Fotolito: ABC Gráfica, Lda.

Impressão e acabamento: Litografia Amorim

Tiragem: 1000 Exemplares

© Copyright: Universidade Aberta 1997

ISBN: 972 674-267-6

Depósito Legal: 129 720/98

Lisboa 1997

NOTA PRÉVIA

A presente obra e a documentação que a acompanha integram-se no Projecto "Educar para a Diversidade", desenvolvido no Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais / CEMRI, unidade de investigação constituída no âmbito do Instituto de Estudos Pós-Graduados da Universidade Aberta, dirigida por Maria Beatriz Rocha-Trindade.

Apresentada sob a forma de blocos multimedia, em língua portuguesa, inglesa e francesa, esta iniciativa conta com a participação de investigadores e colaboradores do CEMRI, provenientes de diferentes disciplinas na área das Ciências Sociais e Humanas.

"Educar para a Diversidade" tem como objectivo a concepção e produção de materiais scripto, audio e vídeo, destinados à formação e informação, no espaço europeu, de agentes sociais, educativos e de saúde, assim como do público em geral, sobre a problemática da diversidade e da interculturalidade no âmbito da educação intercultural.

Vivemos numa sociedade em que conhecer, compreender e adoptar atitudes e comportamentos adaptados à diversidade de culturas e de grupos constitui uma riqueza e uma necessidade para todos, nacionais ou estrangeiros, profissionais ou não profissionais, jovens ou adultos.

A concretização destes objectivos passa pela implementação de políticas e estratégias interculturais adequadas, nomeadamente através de uma política de educação que contemple uma acção educativa de todos para as realidades colocadas pelo multiculturalismo.

Promover o conhecimento e a compreensão da história e da cultura das várias comunidades em presença, das diferentes formas de pensar, de agir e de viver, assim como contribuir para o desenvolvimento de atitudes e procedimentos adaptados ao contexto de diversidade cultural e étnica, são objectivos do projecto "Educar para a Diversidade", do qual a signatária assumiu a direcção e coordenação científica.

Natália Ramos

INTRODUCTORY NOTE

This current work and the documentation that accompanies it make up part of the "Educating for Diversity" Project. It was developed in the Centre for Studies of Migration and Intercultural Relationships (CEMRI - Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais), a research unit organised within the framework of the Institute for Post-Graduate Studies of the Universidade Aberta (Open University), directed by Maria Beatriz Rocha-Trindade.

Produced in the form of multimedia components in Portuguese, English and French, this project includes researchers and collaborators from CEMRI who represent different disciplines in the area of Social and Human Sciences.

The objective of "Educating for Diversity" is the conception and production of written, audio and video material intended to provide education and information about diversity and intercultural problems within the scope of intercultural education for social, education and health workers, as well as the general public.

We are living in a society where perceiving, understanding and adopting attitudes and behaviour appropriate to the diversity of cultures and groups is worthwhile and imperative for everyone, citizens or foreigners, professionals or non-professionals, youth and adults.

The attainment of these objectives includes implementation of appropriate intercultural policies and strategies, specifically through a policy of education that contemplates an educational activity for all toward the realities established by multiculturalism.

The objectives of the "Educating for Diversity" Project, for which the undersigned is responsible for the administration and scientific co-ordination, are to promote the knowledge and understanding of the history and culture of different communities and of the different ways of thinking, acting and living, as well as to contribute in this manner to the development of attitudes and behaviour appropriate to the context of cultural and ethnic diversity.

Natália Ramos

AVANT-PROPOS

Cet ouvrage et les documents qui l'accompagnent s'intègrent dans le Projet "Éduquer à la Diversité", développé au Centre d'Études des Migrations et des Relations Interculturelles / CEMRI, unité de recherche constituée au sein de l'"Instituto de Estudos Pós-Graduados" de l'Universidade Aberta, dirigée par Maria Beatriz Rocha-Trindade.

Présentée sous forme de blocs multimédia, en langues portugaise, anglaise et française, cette initiative a reçu la participation de chercheurs et de collaborateurs du CEMRI, issus de différentes disciplines dans le domaine des Sciences Sociales et Humaines.

"Éduquer à la Diversité" a pour objectif la conception et la production d'outils écrits, audio et vidéo, destinés à la formation et à l'information, dans l'espace européen, d'agents sociaux, éducatifs et de la santé, ainsi que du public en général, sur la problématique de la diversité et de l'interculturalité dans le cadre de l'éducation interculturelle.

Nous vivons dans une société où connaître, comprendre et adopter des attitudes et des comportements adaptés à la diversité des cultures et des groupes constitue une richesse et une nécessité pour tous, nationaux ou étrangers, professionnels ou non professionnels, jeunes ou adultes.

La concrétisation de ces objectifs passe par la mise en oeuvre de politiques et de stratégies interculturelles adéquates, notamment par une politique d'éducation qui prévoit une action éducative de tous aux réalités soulevées par le multiculturalisme.

Promouvoir la connaissance et la compréhension de l'histoire et de la culture des différentes communautés en présence, des différentes formes de penser, d'agir et de vivre, ainsi que contribuer au développement d'attitudes et de comportements adaptés au contexte de diversité culturelle et ethnique, tels sont les objectifs du projet "Éduquer à la Diversité" dont la signataire a assumé la direction et la coordination scientifique.

Natália Ramos

Imagem da capa: pintura de TERESA VERGANI

A imagem da capa desdobra-se em duas partes, à maneira de duas páginas de um livro.

A parte esquerda evoca - através do esbatimento de vestígios caligráficos - a diversificada riqueza histórico-cultural que Goa tem vindo a acumular ao longo dos tempos.

Esta diluída "floresta de escrita" funde-se, simbolicamente, no bosque iluminado pelo casal humano que a parte direita da imagem representa: inspira-se em pinturas populares locais, que celebram tradicionalmente uma "arte de amar" habitada não só por uma alegre suavidade, como por uma verdadeira sabedoria que integra a experiência estética pessoal.

Sugere, nomeadamente, a memória dos jogos amorosos de Krishna, a Adorável Divindade de olhos belos como flores de lótus, que seduzia as jovens pastoras que dele se aproximavam para se extasiar com a doçura da sua música e partilhar a agilidade da sua dança.

Cover Design: painting by TERESA VERGANI

The image on the cover unfolds into two sides, as if they were two pages in a book.

The left side evokes - through the dilution of calligraphic vestiges - the diverse historical and cultural wealth which Goa has amassed along the centuries.

This diluted "forest of writing symbols" melts symbolically with the bush illuminated by the human couple represented on the right side of the image. It is inspired by local popular paintings, which traditionally celebrate a certain "art of loving", inhabited not only by a joyous tenderness, but also by a true wisdom integrates the personal aesthetic experience.

It brings to memory, namely, the love games played by Krishna, the Adorable Divinity with eyes as beautiful as lotus flowers, who used to seduce the the young shepherdesses coming to him to be delighted by the sweetness of his music, as well as to share in the agility of his dance.

Couverture: peinture de TERESA VERGANI

L'image se trouve composée de deux parties, à la façon de deux pages d'un livre.

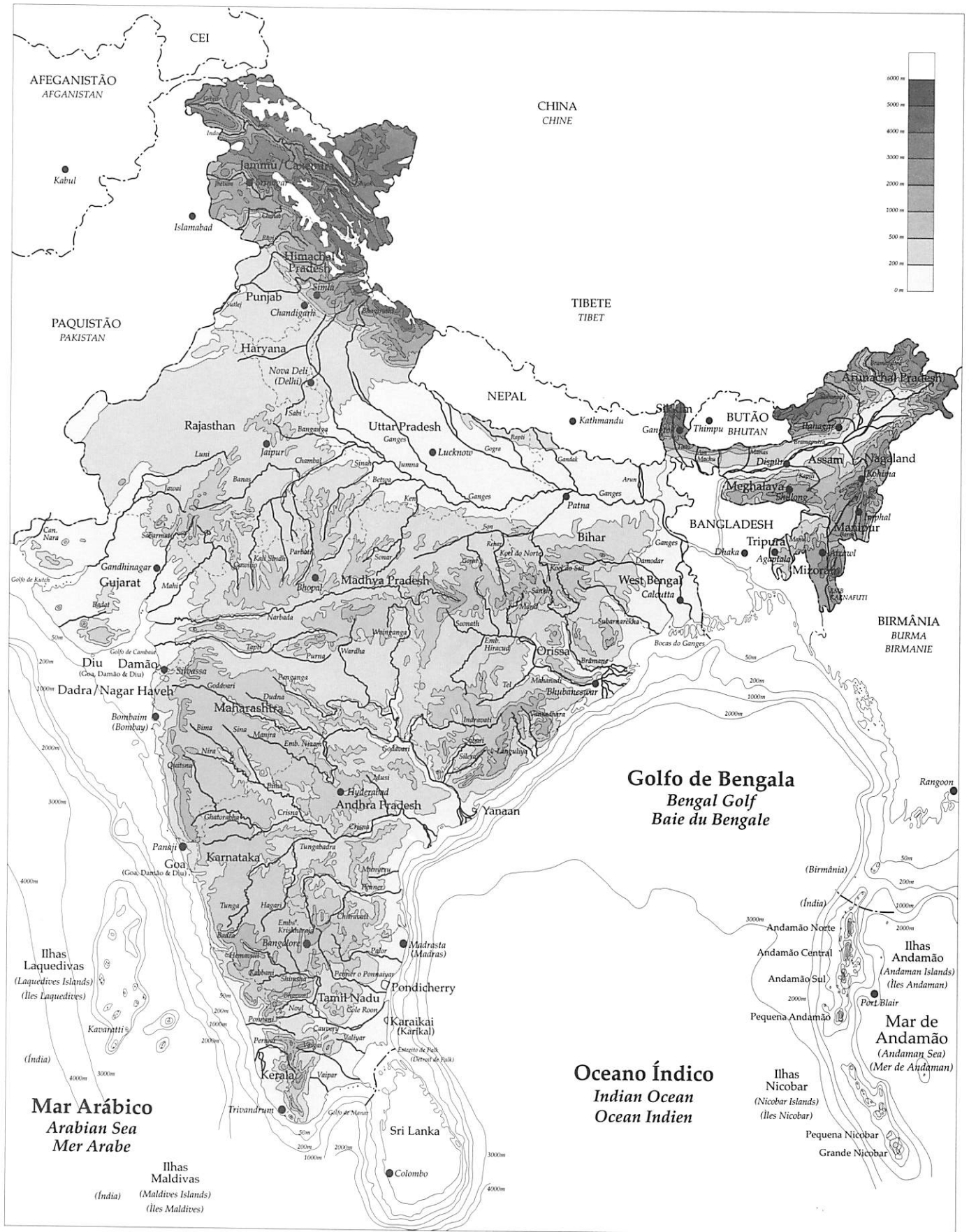
La partie gauche évoque, moyennant l'esquisse de vestiges calligraphiques, la variété et la richesse historiques et culturelles dont Goa a su s'approprier au fil des temps.

Cette évanescence "forêt de l'écrite" tend vers le bosquet symboliquement illuminé par le couple humain qui figure dans la partie droite de l'image. Son inspiration s'enracine dans des peintures traditionnelles locales qui célèbrent un "art d'aimer" non seulement habité d'une joyeuse douceur, mais aussi d'une authentique sagesse qui intègre l'expérience esthétique personnelle.

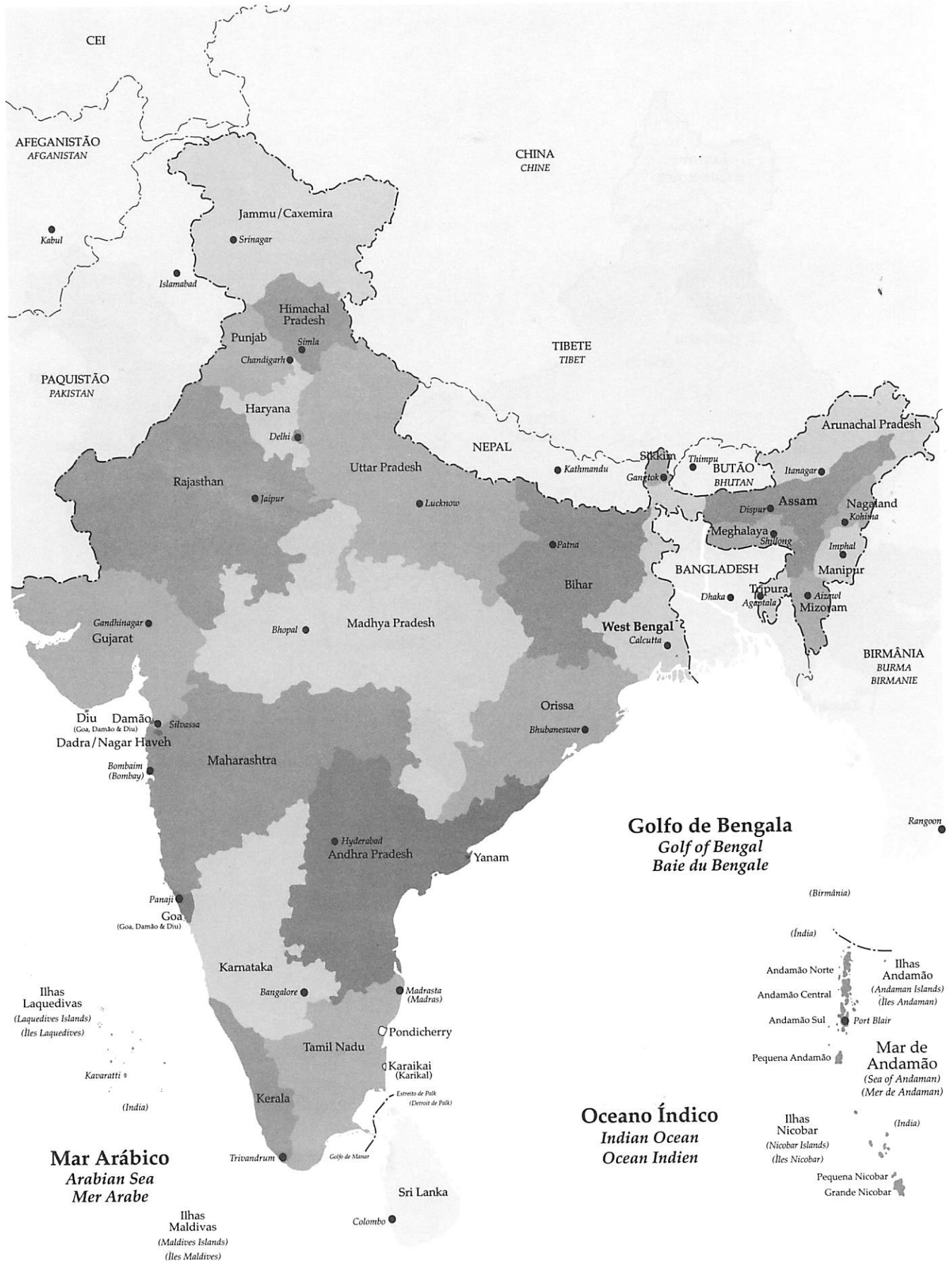
Elle suggère, notamment l'héritage des jeux amoureux de Krishna l'Adorable Divinité aux yeux épanouis tels des fleurs de lotus: les jeunes bergères séduites s'approchaient de lui à fin de s'extasier de la suavité de sa musique et de partager l'agilité de ses danses.

MAPAS
MAPS
CARTES

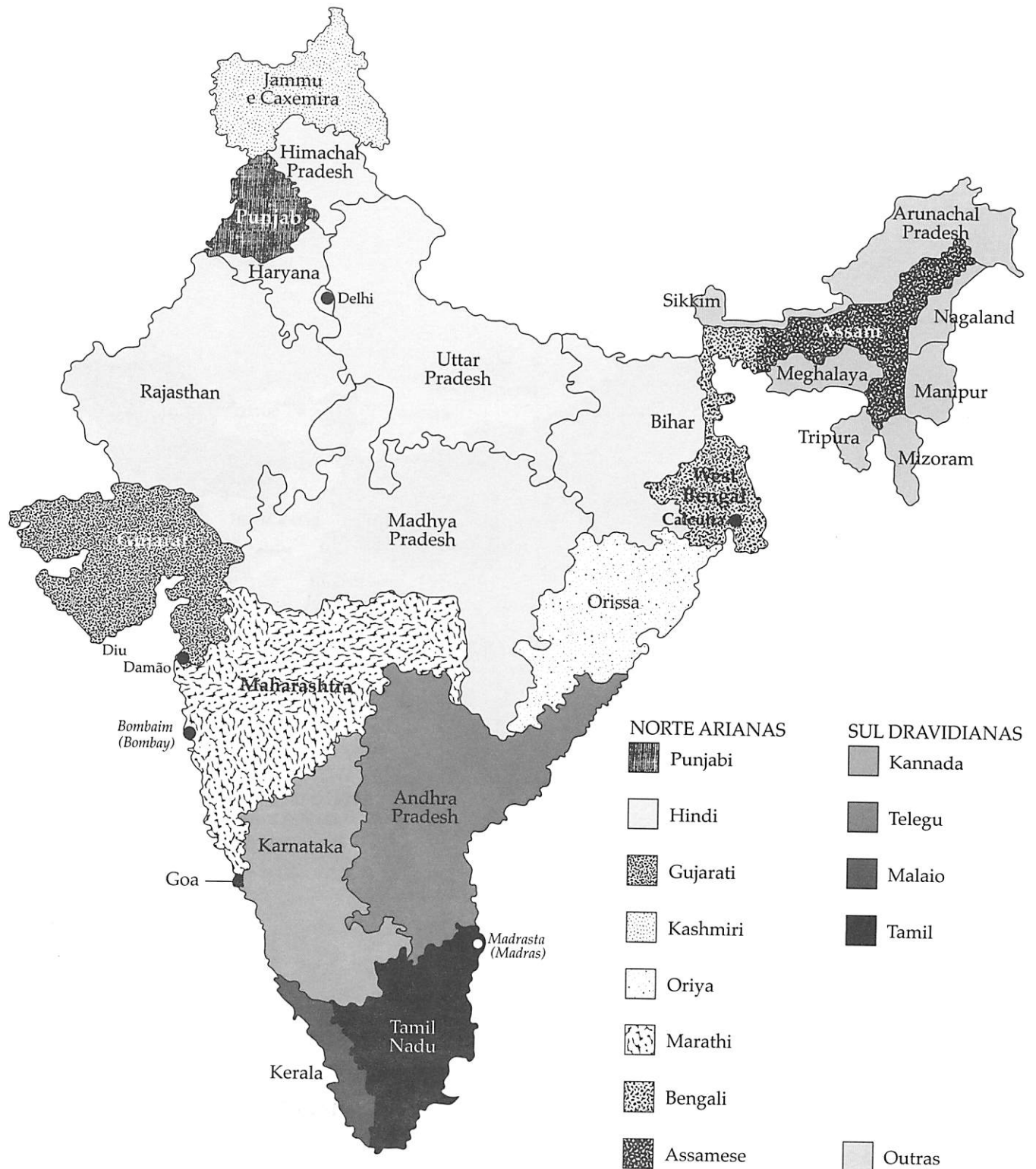
Mapa Físico da União Indiana/Geophysical Map of the Indian Union/Carte Geophysique de l'Union Indienne



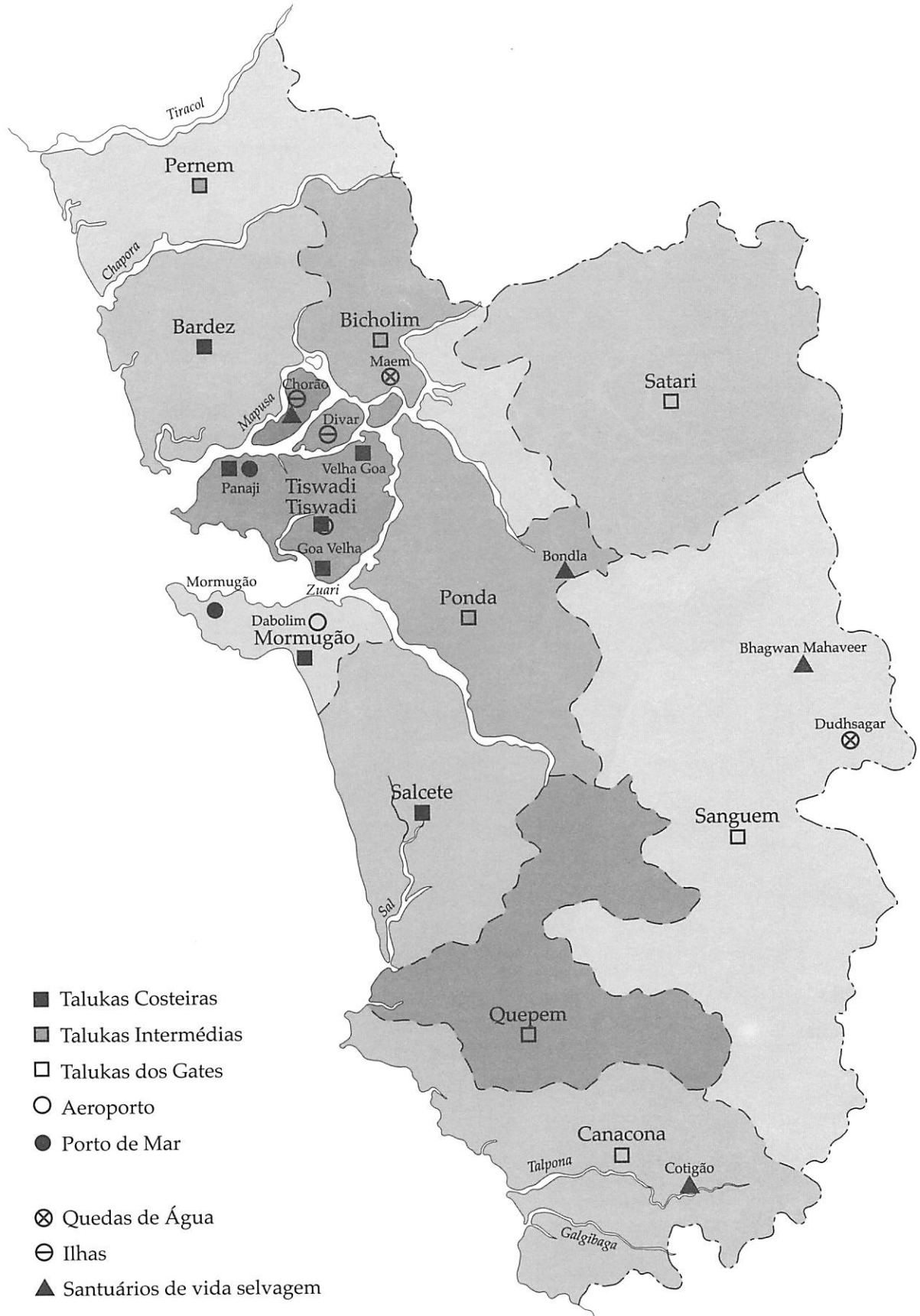
Mapa Político da União Indiana/Political Map of the Indian Union/Carte Politique de l'Union Indienne



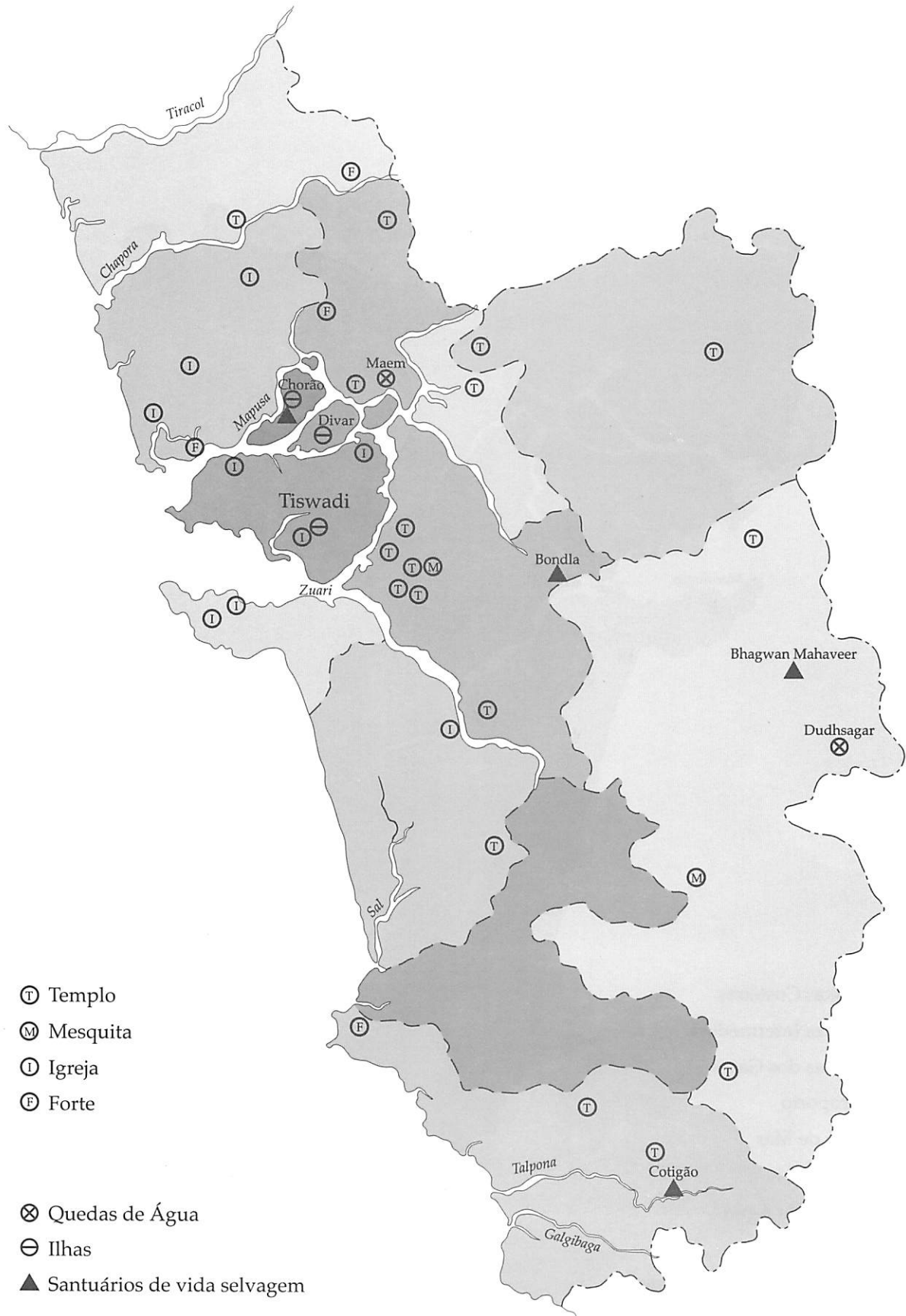
Mapa Linguístico da União Indiana/Linguistical Map of the Indian Union - Carte Linguistique de l'Union Indienne



Mapa Político de Goa/Political Map of Goa/Carte Politique de Goa



Mapa Cultural de Goa/Cultural Map of Goa/Carte Culturelle de Goa



Goa



*«Nasci na Índia Oriental, berço da poesia,
filosofia e da história, hoje seu túmulo.
(...). Pertencço a essa raça que escreveu o
Mahabarata e inventou o xadrez - duas
concepções em que alguma coisa d'eterno e
infinito se contem».*

Francisco Luis Gomes

ÍNDICE

	Página
1. GOA: TERRITÓRIO, POPULAÇÃO E CULTURAS	19
1.1. Situação e Características Geográficas	19
1.2. Significado Etimológico da Palavra <i>Goa</i>	20
1.3. Clima, Recursos Naturais e Principais Actividades Económicas	20
1.4. Características Demográficas	21
1.5. Alguns Aspectos Socio-Culturais	23
2. DE GOA A PORTUGAL: ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIO-DEMOGRÁFICOS	27
3. GOESES EM LISBOA	31
BIBLIOGRAFIA	79
INFORMAÇÕES ÚTEIS	81

1. GOA: TERRITÓRIO, POPULAÇÃO E CULTURAS

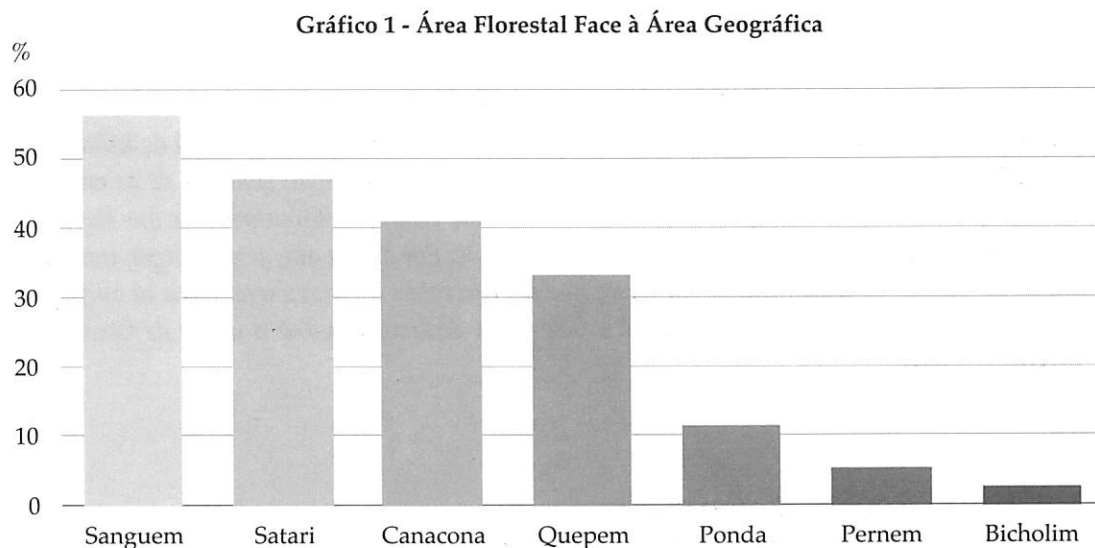
1.1. Situação e Características Geográficas

«O pequeno e pitoresco Estado de Goa, diversamente conhecido como *O Paraíso Tropical dos Turistas*, *Entrada Dourada do comércio*; e o *Emergente pequeno Gigante* no sector manufactureiro, localiza-se, aproximadamente a meio da costa ocidental da Índia», (Kamat⁽¹⁾, 1990).

O território de Goa totaliza apenas 3.611 Km² e, numa extensão de 960 Km, é a única porta de entrada da costa ocidental da Índia, «situada no extremo sul da costa do Concão». A cadeia montanhosa dos *Gates Ocidentais* apresenta-se como uma espinha dorsal e, simultaneamente, barreira intransponível entre o Índico e o interior da Índia. (vd. Mapas: n.º 1 - Ásia do sul - Goa, Damão e Diu e n.º 2 - União Indiana - Mapa Político).

A floresta adensa-se junto à cadeia montanhosa dos Gates, constituindo com ela uma barreira natural. Assim, as regiões do interior possuem uma maior área florestal do que as zonas litorais; por exemplo, as *talukas*⁽²⁾ de *Bardez*, *Tiswadi* e *Salcete* não registam área florestal.

O gráfico 1⁽³⁾ ilustra a percentagem de área florestal em cada *taluka*:



Os coqueirais, que sobressaem na paisagem da zona costeira, sublinham os limites dos campos de arroz. As arequeiras, palmeira que dá um coquinho, aparecem nos terrenos irrigados do interior.

(¹) KAMAT, Pratima, *Historical Geography and Natural Resources*, in *Goa Through The Ages*, editado por Teotónio de Souza.

(²) *Taluka* - Divisão administrativa constituída por um determinado número de aldeias.

(³) Os gráficos apresentados baseiam-se nas informações estatísticas do *Gazetteer of India*, op. cit., pp. 36, 219, 225 e 480-487 e do *Regional Plan for Goa*, op. cit., p. 10.

Os recursos hídricos de Goa são tão abundantes que conferem à região o aspecto de um arquipélago muito concentrado. Existem dezoito ilhas maiores e inúmeras pequenas. Os dois principais rios são o *Mandovi* e o *Zuari*, os quais oferecem amplos estuários, sendo verdadeiras vias de penetração para o interior do território. O litoral de Goa possui, tal como o litoral português, excelentes estuários penetrados pelas marés. Os rios são eficientes meios de transporte, devido ao abundante caudal mantido pelas chuvas da monção.

As *Velhas Conquistas*, ou na actual designação - *Talukas Costeiras*, compreendem os distritos de *Bardez*, *Tiswadi* (Ilha de Goa - Velha Goa e Pangim, Panaji ou Nova Goa encontram-se aqui localizadas) e *Salcete*. Conquistadas no século XVI, estas ilhas, à semelhança de outras ilhas e arquipélagos no Atlântico, integraram-se na estratégia política quinhentista da expansão portuguesa.

Já as *Novas Conquistas*, realizadas no século XVIII, foram-se estendendo até ao sopé dos Gates. As *Talukas Intermédias* são: *Pernem*, *Bicholim*, *Ponda* e *Quepem*. Quanto às *Talukas dos Gates* dividem-se em: *Satari*, *Sanguem* e *Canacona* (vd. Mapa n.º 3 - Mapa Administrativo de Goa).

1.2. Significado Etimológico da Palavra Goa

Goa é conhecida, em Concani, por *Goem*. A palavra é relacionada com o termo sanscrito "go", uma vaca no sentido de um país vaqueiro. Curiosamente o mapa do território sugere o perfil de uma cabeça de gado.

A veneração pela vaca remonta aos tempos bíblicos, quando o destino das tribos arianas, a caminho do subcontinente indiano, dependia da vitalidade dos seus rebanhos.

A derivação, usualmente aceite, do termo *gomantaka* vem de *go+manta+ka*; *go* significando gado, *gomanta* grupo de proprietários de gado com *ka* como sufixo acrescentado ao substantivo para exprimir diminuição, deterioração e similaridade⁽⁴⁾.

A mitologia dá a seguinte explicação sobre a origem de Goa:

«... um brâmane de nome *Paraxurama* estava empenhado em destruir toda a casta de *kshatryas*. Derrotado pelo imperador *Rama*, o brâmane não tinha outra solução senão a de se entregar ao vencedor como vítima e responsável da guerra. Pediu, então, ao Omnipotente que lhe desse um torrão, onde pudesse viver em paz e fruir a liberdade. Foi assim que, por milagre, uma seta lançada no Índico se transformou em terra, que foi oferecida a *Paraxurama* para lá edificar o seu reino. *Paraxurama*, encantado perante a beleza da dádiva, deu-lhe o nome de *Gomantak*» (Coissoró⁽⁵⁾, 1968).

1.3. Clima, Recursos Naturais e Principais Actividades Económicas

A monção⁽⁶⁾ marca profundamente o clima e recursos naturais goeses. Para os agricultores a monção representa uma época de intensa actividade, ao contrário do que sucede com os pescadores.

(4) Gazetteer, 1979.

(5) COISSORÓ, Narana, *Goa, Terras e Tradições*, Lisboa, Separata de "Comunidades Portuguesas" (11), Julho, 1968.

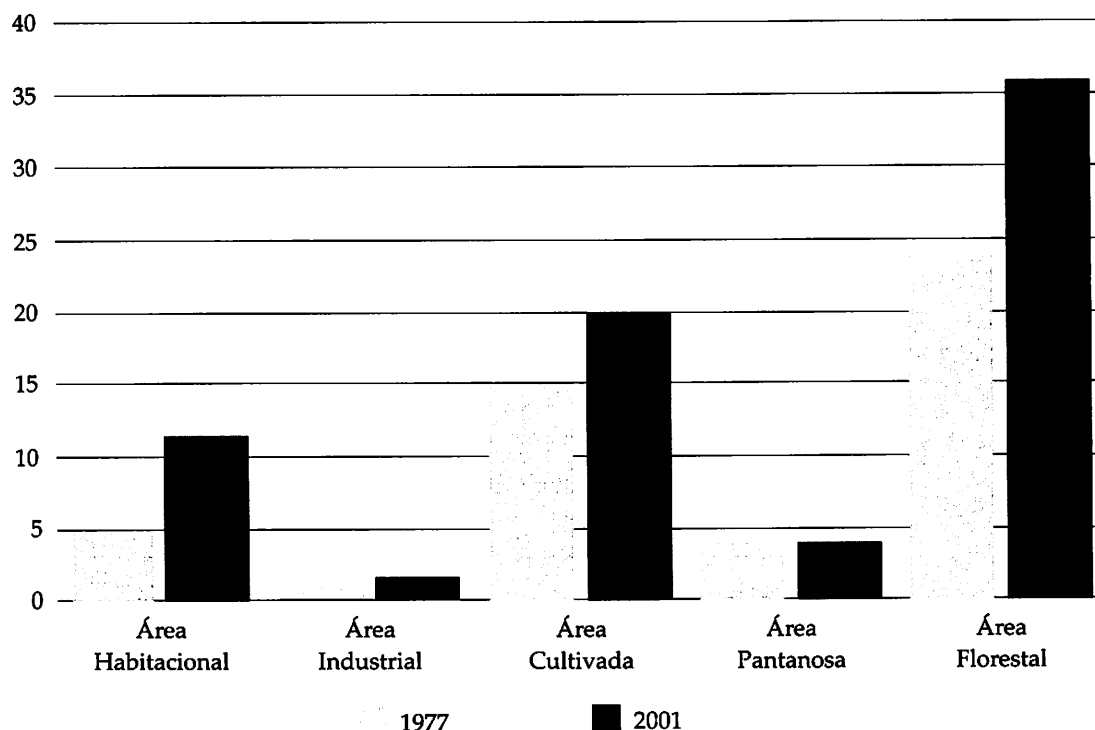
(6) Vento periódico, típico do Sul e do Sudoeste da Ásia, que sopra com toda a regularidade em certas estações do ano. Geralmente, no Verão sopra do mar para o continente (monção marítima) e no Inverno sopra do continente para o mar (monção continental). Actualmente, na Índia, é a estação das chuvas, que dura quatro a cinco meses, e em que não navegam embarcações de vela.

A humidade média situa-se acima de 75%. A temperatura é alta durante todo o ano. A maior pluviosidade regista-se nos meses de Junho a Setembro. Graças à porosidade da laterite, os terrenos permanecem húmidos mesmo na estação seca, que vai de Dezembro a Abril. O arroz, base da alimentação, é colhido duas vezes por ano: após a monção marítima, no mês de Setembro, e em Abril, finda a monção continental.

Na década de setenta, a área de plantações passou de 35,56% para 42,58% «Sendo 27,8 % arrozais e os restantes 72,19 %, principalmente cajuais»⁽⁷⁾.

O Gráfico 2 ilustra a Utilização da Superfície de Goa:

Gráfico 2 - Utilização da Superfície em Goa (1977 e 2001)



A actividade piscatória fornece mais lucros do que a agricultura; por exemplo o preço do arroz é cinco vezes menor do que o valor do peixe ou do camarão. A contribuição da agricultura desceu de 35% na década de sessenta para 16% nos anos oitenta. Contudo, em termos económicos, a mineração suplanta as restantes actividades. Já em 1956, Gourou⁽⁸⁾ afirmava que das minas se extraía ferro e manganês, mencionando, igualmente, a existência de fábricas de caju.

Foi apenas em 1947 que se iniciou a exportação de ferro goês, sobretudo para o Japão.

1.4. Características Demográficas

O gráfico 3⁽⁹⁾ representa a evolução demográfica de Goa, desde 1960 a 1991, do litoral para as regiões interior e montanhosa dos Gates. Nele podemos verificar a crescente atracção que o litoral tem vindo a exercer sobre as populações do território:

(7) *Regional Plan for Goa - 2001 A.D.*, 1987.

(8) GOUROU, Pierre, Goa, *Algumas Observações de Geografia Tropical*, in "Garcia de Orta", Lisboa, Revista da Junta das Missões geográficas e de Investigação do Ultramar, Número Especial, 1956, pp. 79-81.

(9) Os gráficos apresentados baseiam-se nas informações estatísticas do *Gazetteer of India*, op cit., pp. 36, 219, 225 e 480-487, e do *Regional Plan for Goa*, op. cit., p. 10.

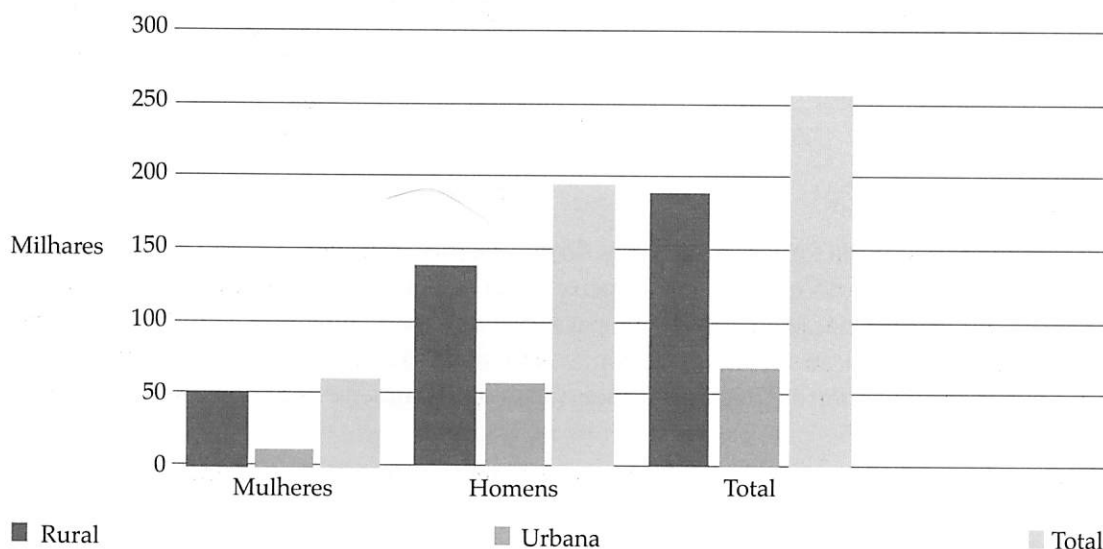
Gráfico 3 - Distribuição da População de Goa (1960-1991)



A população do distrito de Goa, segundo o censo de 1971, era de 795.120 pessoas, compreendendo 401.362 homens e 393.758 mulheres e totalizava 92,69% do total da população do território de Goa, Damão e Diu. Quanto à população rural, segundo o mesmo censo, existiam no distrito de Goa, 383 vilas num total de 591.877 habitantes.

O gráfico 4⁽¹⁰⁾ representa a população activa, rural e urbana, distribuída por sexos, em 1971. Predomina, claramente, a população trabalhadora rural masculina.

Gráfico 4 - População Activa de Goa



¹⁰ Todos os gráficos apresentados baseiam-se nas informações estatísticas do *Gazetteer of India*, op. cit., pp. 36, 219, 225 e 480-487.

Em Goa, tal como em muitos outros pontos do planeta, assistimos ao fenómeno da progressiva urbanização das populações. Os demógrafos prevêem que até ao ano 2.000 cerca de 4/5 da população mundial viverá nas cidades.

1.5. Alguns Aspectos Socio-Culturais

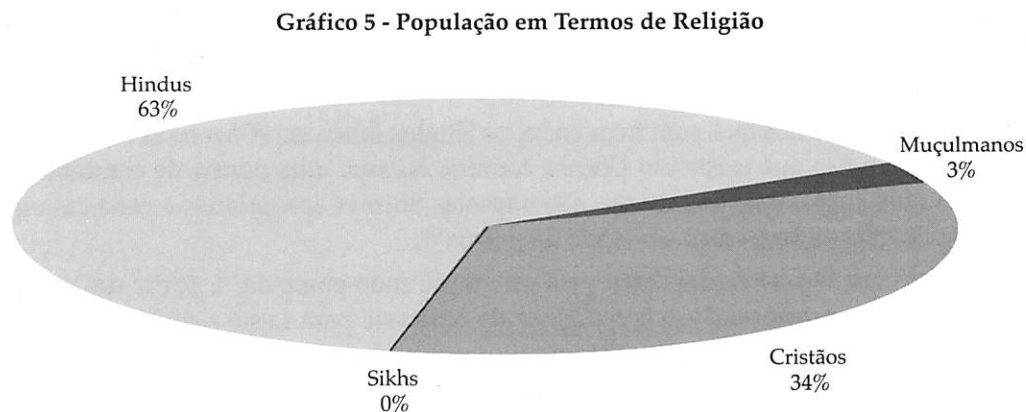
O Concanim

A língua concanim é a língua usada actualmente em Goa. Se não fora pela inteligente prática dos Jesuítas que estudaram o *Concanim* gramatical e literariamente, por exemplo, a língua materna dos Goeses poderia não ter sobrevivido, através dos séculos, à negligência e ao desencorajamento oficiais. Os Jesuítas foram responsáveis pelos primeiros trabalhos literários e gramáticas impressos na língua concanim⁽¹¹⁾.

O *gomantaki*, como lhe chamam alguns filólogos em referência ao antigo nome daquela praça indiana (*Gomantak*), foi, ao fim de quatro séculos de ocupação, a língua que mais vocabulário assimilou no contacto dos Portugueses com o Oriente⁽¹²⁾. Robusto⁽¹³⁾ cita Cunha Rivara que, em 1858, afirmava que a língua concanim teria introduzido no seu vocabulário cerca de mil palavras portuguesas. Nas palavras de Thomaz, «o concanim é hoje a única língua indiana que se escreve em caracteres latinos»⁽¹⁴⁾. (vd. Mapa n.º 4 - União Indiana - Mapa Linguístico)

Hinduísmo

O gráfico 5⁽¹⁵⁾ fornece-nos os valores percentuais da população em termos religiosos. Os Hindus destacam-se claramente como maioria no conjunto da população.



Tal como nos mostra o gráfico anterior, o Hinduísmo é praticado, hoje em dia, por cerca de 63% da população total do território de Goa. Observe-se o *Mapa Cultural e Paisagístico de Goa* (Mapa n.º 5), onde se encontram assinalados os principais templos hindus. A *Taluka de Ponda* é a zona onde se verifica uma maior concentração dos referidos templos.

Diz-nos Orlando Ribeiro⁽¹⁶⁾ que «em frente de cada casa hindu, ou no seu pátio interior, no adro de cada templo (*devalaia*) levanta-se de uma peanha... uma planta sagrada - o *tulôsse*, à qual todos os dias se presta culto e se fazem oferendas rituais».

O Hinduísmo é antes de mais, tal como sucede com o Cristianismo ou o Maometanismo, uma cosmogonia, tecida sobretudo de práticas de culto, que consistem em orações e sacrifícios.

(11) MASCARENHAS, Mira, *The Church in Eighteenth Century Goa*, in "Essays in Goan History", edited by Teotonio R. de Souza, New Delho, 1989, pp. 80 a 101.

(12) JUMA, Imitaz, *A Medicina Portuguesa nos Descobrimientos*, editado pela ROCHE, Lisboa, 1992, p. 115.

(13) ROBUSTO, Rodrigo Wolfango, *Goa - Terra Indo-Portuguesa*, Edição do Autor, Lisboa, 1953, pp. 89-90.

(14) THOMAZ, Luís Filipe F. Reis, *O Cristianismo e as Tradições Pagãs na Índia Portuguesa*. Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1965, p. 8.

(15) Os gráficos apresentados baseiam-se nas informações estatísticas do *Gazetteer of India*, op. cit., pp. 36, 219, 225 e 480-487 e do *Regional Plan for Goa*, op. cit., p. 10.

(16) RIBEIRO, Orlando, op. cit., p. 188.

(17) Referência ao uso da linha *upauaiana*.

(18) «*Regra moral*» in Grande Dicionário da língua Portuguesa, José Pedro Machado, vol. I, p. 682.

(19) Cerimónia litúrgica em que a água é empregue em diferentes actos rituais, para purificar o corpo ou a alma dos crentes. MACHADO, op. cit.

(20) Dom João de Brito nasceu em Lisboa, em 1647, e foi morto em *Maduré*, em 1693. Amigo pessoal do Rei D. Pedro II (1688-1706), consagrou a sua vida às missões no sul da Índia, onde desempenhou as funções de *par-dará*. Já no século XX a igreja Católica canonizou-o passando a ser designado por São João de Brito. Possui uma freguesia com o seu nome em Lisboa. Vide DE OLIVEIRA E COSTA, João Paulo A., *A Missão de João de Brito*, Biblioteca Evangelização e Culturas, Cocujães (Portugal), 1992.

(21) DUMONT, Louis, *Homo Hierarchicus, Essai sur le système des castes*; Paris, Éditions Gallimard, 1966, p. 36. O termo *casta* deriva do Latim *castus* - qualquer coisa não misturada.

(22) BIARDEAU, op. cit., p.193.

(23) BASHAM, *The Wonder That Was India*, p. 138.

(24) Dravidianos - população indígena do Sul da Índia.

(25) Significa espécie. Literalmente significa nascença (BIARDEAU, 1981).

(26) Transmigração da alma de um corpo para outro.

(27) DE BRITO, Raquel Soeiro, *Goa e As Praças do Norte*, Junta de Investigação do Ultramar, 1966, pp. 26/27.

A oração é constituída pela recitação de hinos védicos e de outras fórmulas, que é necessário respeitar na sua integridade, às quais se atribui, muitas vezes, poder mágico. Além desta oração, há ainda a considerar a *oração pessoal*. Cada pessoa, com efeito, tem a sua oração própria e individual, envolta em fórmula mágica, sugerida pelo seu *director espiritual* ou *guru*. Esta oração individual corresponde à crença de um certo poder secreto inerente a cada pessoa. A grande oração, ou o *mantra* universal, é constituída pela misteriosa sílaba *aum*, símbolo da *trimurti*.

Existem ritos que quase se podem comparar a sacramentos, considerados no sentido ocidental. O nascimento, por exemplo, é assinalado com uma cerimónia, na qual se introduz na boca da criança um bocado de mel e de manteiga. Por volta dos doze anos, realiza-se a *iniciação* para os rapazes *brâmanes*, em que o adolescente é admitido na comunhão bramânica, passando a usar desde então o *cordão* competente⁽¹⁷⁾. Segundo velhos cânones⁽¹⁸⁾, é então que recebe a direcção superior de um *guru*.

A água representa papel importante na liturgia hindu e na vida religiosa das populações. Abundam os tanques sagrados, destinados às abluções⁽¹⁹⁾ religiosas e os rios são, em geral, sagrados.

A cidade santa do hinduísmo é *Benares*, no Norte da Índia. No Sul, destaca-se a cidade de *Madura* ou *Maduré*, bem conhecida dos nossos antigos missionários, em particular de São João de Brito⁽²⁰⁾, um dos exemplos portugueses mais paradigmáticos de interculturalidade.

Tal como noutras partes da Índia, os Hindus de Goa estão divididos em castas e subcastas. O termo *casta*⁽²¹⁾ terá sido utilizado pela primeira vez pelos Portugueses ao chegarem à Índia. Este termo designou, durante muito tempo, indiferenciadamente a *casta*, propriamente dita e o *varna*.

O termo sânscrito *varna* significa também *côr*; contudo, para Biardeau (1981), a palavra *varna* traduz-se melhor por classe, já que «o termo designa simultaneamente, uma função social, um estatuto e uma relação específica com o ritual védico»⁽²²⁾.

Basham (1967) explica-nos que, com frequência, os Hindus falam no «*Dharma da classe e estádio da vida*». Isto significa que existe um *Dharma* comum, ou seja, uma norma de conduta que é igual para todos, mas, simultaneamente, são impostas normas apropriadas a cada caso individual, tendo em atenção o *varna* e a idade da pessoa⁽²³⁾.

A Índia dravidiana⁽²⁴⁾ fora conquistada pela imigração indo-europeia, a partir do ano 1500 antes da nossa era, processando-se a conquista de Noroeste para Leste e de Norte para Sul. Por ela teriam sido impostos, segundo alguns autores, à civilização indiana os seus traços mais característicos: as castas (*jati*⁽²⁵⁾) e a metempsicose⁽²⁶⁾. Há, porém, indianistas que ligam o sistema de castas e a ideia da transmigração das almas a uma influência do meio indígena⁽²⁷⁾.

Em qualquer dos casos, os invasores encontraram sociedades organizadas e com uma cultura própria. Se a deusa, de que os textos védicos apenas fornecem pálidos esboços, adquiriu tanta importância, foi porque o «culto aborígene», «*dravidiano*», centrado nela, reafirmou a sua importância e foi reconhecido pelo Hinduísmo oficial⁽²⁸⁾.

A forma final do Hinduísmo resultou, em larga medida, da influência do Sul Dravidiano. Contudo, os *Vedas*, *Brahmanas* e *Upanisads* eram estudados apenas pelos que tinham sido submetidos à cerimónia da iniciação.

As escrituras védicas⁽²⁹⁾ afirmam que o sistema hindu dos *varnas* remonta a *Prajapati*⁽³⁰⁾. Verifica-se assim uma identificação mística entre Deus, vítima e sacrificador⁽³¹⁾. Acredita-se, amplamente, que o próprio universo nasceu de um sacrifício primitivo⁽³²⁾.

Como já tivemos ocasião de explicar, os *Brâmanes*, o varna mais elevado, teriam saído da sua boca (do Homem Primitivo - *Purusa, Brahma* ⁽³³⁾); os *Kshatriyas*, os guerreiros, dos bíceps; os *Vaiçyas*, os comerciantes, das ancas; os *Çudras*, os artífices, dos pés. No ponto mais baixo, encontravam-se os sem varna, a quem chamavam os *Intocáveis* e que teriam nascido da terra.

O segundo conceito fundamental do Hinduísmo, a reencarnação, está ligado ao sistema de castas. O corpo não é mais do que um invólucro provisório da alma ⁽³⁴⁾ (*atman*). O *atman* é o princípio imortal que, no homem, é chamado a libertar-se do corpo, para alcançar, finalmente, a identificação perfeita com o *Brahman*.

A vida do corpo é apenas uma das muitas encarnações da alma durante a sua viagem através da eternidade, cadeia que começa e acaba na união com o cosmos. O balanço do bem e do mal, acumulados durante todas as existências mortais, chama-se *karman*. É ele que determina se uma alma vai, na sua nova encarnação - *samsara* ⁽³⁵⁾, subir ou descer na hierarquia das castas.

O Hinduísmo é uma religião sem fundador, embora revelada, sem dogmas, sem liturgia e sem igreja. O criador e a sua criação são apenas um. Assim, Deus está presente em toda a parte e é em toda a parte o mesmo, sob os aspectos mais variados. Para os Hindus só existe uma culpa, a *avidya* - a ignorância, que consiste em não «ver» a evidência da presença de Deus em todas as coisas ⁽³⁶⁾.

A Deusa Mãe também foi, desde sempre, venerada na Índia. Em geral, pensava-se que o Deus era inactivo e transcendente, enquanto que a Deusa era activa e imanente. A principal forma da Deusa Mãe era a de esposa de *Siva* que podia apresentar um aspecto benevolente, por exemplo, *Mahadevi* (a Grande Deusa) ou ameaçador, por exemplo, *Kali* (a Negra). Nesta última versão é frequentemente representada com vários braços, empunhando diferentes armas ⁽³⁷⁾.

A terra, mãe universal, a água, fonte da vida e o fogo, essência da energia e da destruição, compunham a *trimúrta*, a trindade do hinduísmo a que já nos referimos.

A maioria dos Hindus são teístas e mantêm as tradições familiares e religiosas. A vida de um hindu é como um ciclo de rituais e cerimónias denominadas *samskaras* (sacramentos). Segundo algumas fontes, estes *samskaras* dividem-se em duas categorias: *nitya* (de praxe) - que devem ser realizadas - e enumeram-se dezasseis e *naimittika* (ritos especiais que o indivíduo pode ou não cumprir) - e são vinte e quatro.

Os mais importantes rituais são os do nascimento, puberdade, casamento, gravidez e morte, que variam de *jati* ⁽³⁸⁾ para *jati*, dentro da mesma região. Daí resulta a dificuldade de uniformizar, teoricamente, costumes sociais tão diferenciados.

(²⁸) Tal como sucedera com os Romanos, que ao conquistarem a Grécia (séc. II a.C.) foram conquistados pela cultura helénica.

(²⁹) Existem 1028 hinos do *Rg Veda*, que é o texto religioso mais antigo do mundo e que terá sido escrito entre 1500 e 1900 a.C. Para além dos *Veda*, existem as *Brahmanas*, e as místicas, *Aranyakas* e as *Upanisads*. Este conjunto completa a literatura designada por védica.

(³⁰) Também identificado com *Brahma*. Este termo *Brahma* (substantivo neutro) significa *Ser, Consciência e Ilimitado*, ou, segundo outra tríade: *Ser, Consciência e Beatitude*. *Purusa/Prajapati* (relação dialéctica e circular).

(³¹) A religião cristã também procede a esta simbiose na figura de *Jesus Cristo*.

(³²) BASHAM, op. cit., p. 242.

(³³) Muitas vezes identificado com *Prajapati*, "O Senhor dos Seres".

(³⁴) *atman*, significa *ele próprio* à letra.

(³⁵) Transmigração de renascimento em renascimento.

(³⁶) *Gazetteer of India*, p. 45.

(³⁷) BASHAM, op. cit., p. 314.

* Consultar nota n.º 25.

2. DE GOA A PORTUGAL: ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIO-DEMOGRÁFICOS

Em 1515, o *Estado Português da Índia* encontrava-se estabelecido. O *Índico*, outrora dominado pelos Muçulmanos, era atravessado por navios cristãos portugueses que patrulhavam essa imensa zona comercial⁽³⁹⁾.

Em 1860, Francisco Luís Gomes⁽⁴⁰⁾ exige a independência para todos os Indianos, incluindo a Índia Britânica e a Índia dos Príncipes ou *Marajás*⁽⁴¹⁾:

«Nasci na Índia Oriental, berço da poesia, filosofia e da história, hoje seu túmulo. (...). Pertença a essa raça que escreveu o Mahabarata⁽⁴²⁾ e inventou o xadrez - duas concepções em que alguma coisa d'eterno e infinito se contem.

Peço para a Índia, liberdade e luz! Para mim, mais feliz que os meus compatriotas, porque sou livre, CIVIS SUM, estes títulos seriam bastantes a recomendar-me a vós que admiraes a minha pátria e amaes a humanidade»⁽⁴³⁾.

A Conferência de Berlim de 1884, promovida pelo império alemão e apoiada pela França, impusera a todos os países colonizadores, a efectiva ocupação dos territórios ultramarinos. Para Portugal esta medida revelava-se difícil de cumprir e, particularmente, a Inglaterra esperava poder retirar benefícios de tal situação.

O *Acto Colonial* de 1930, da autoria de Salazar, quando Ministro das Colónias, afirma a existência de «uma função histórica e essencial de possuir, civilizar e colonizar domínios ultramarinos». Nestas afirmações está patente uma ideia de providencialismo histórico, característica da historiografia medieval e mesmo da Idade Moderna, ou seja, por vontade de Deus, na opinião de Salazar, a Nação Portuguesa fora destinada a dominar as suas colónias.

Aos domínios de Portugal se passa a chamar o «*Império Colonial*»⁽⁴⁴⁾. Para Adriano Moreira⁽⁴⁵⁾, Ministro do Ultramar em pleno Salazarismo, os objectivos essenciais do *Acto Colonial* eram, na ordem interna, «a unificação administrativa de cada colónia; a supressão do regime dos altos-comissários (...); fiscalização, pelo Governo, da administração financeira e económica das colónias; desenvolvimento da solidariedade económica imperial. Do ponto de vista externo, afirmava-se um princípio de nacionalismo incompatível com o exercício dos poderes públicos por quaisquer empresas singulares ou colectivas»⁽⁴⁶⁾.

A uniformização da administração colonial nega, em absoluto, o direito à diferença, ou, sequer, o reconhecimento oficial da mesma. A ideia de Nação ocupa, a partir de agora em Portugal, o lugar outrora outorgado à Igreja Católica.

O Acordo Missionário de 1940 e o Estatuto Missionário de 1941 viriam reforçar a visão imperialista do Salazarismo.

O Salazarismo e o Marcelismo, do séc. XX português, pautaram-se pelo mesmo modelo socio-político que procurou travar a industrialização do país e o respectivo surto demográfico.

⁽³⁹⁾ THOMAZ, Luís Filipe Ferreira Reis, *Estrutura Política e Administrativa do Estado da Índia no século XVI*, in *II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*, 1982, pp. 513-540.

⁽⁴⁰⁾ Nascido em Salcete, em 1830, forma-se em Medicina e é eleito Deputado às Cortes Portuguesas, encontrando-se em 1861 na cidade de Lisboa. Faleceu, a caminho de Goa, em 1870.

⁽⁴¹⁾ Marajás - do sânscrito, significando "grande rei". Sendo que *rajá* é o termo que designa um soberano hindu. MACHADO, op. cit., vol. IV, p. 32.

⁽⁴²⁾ O mais importante dos poemas épicos da literatura indiana. O poema descreve a grande guerra civil no Reino dos Kurus, na zona da actual cidade de New Delhi - a guerra do Mahabharat. Vide BASHAM, *The wonder That Was India*, pp. 81, 113 e 409.

⁽⁴³⁾ Tradução de um excerto da carta de Francisco Luís Gomes a Lamartine, citado por José Nicolau Gomes de Oliveira, in *Goa*, Revista Trimestral da Casa de Goa, Dezembro de 1990, n.º 4, p. 12.

⁽⁴⁴⁾ ROSAS, Fernando, *O Estado Novo nos Anos Trinta*, p. 91.

Na expressão de Maria do Céu Esteves «o modelo de sociedade e de desenvolvimento promovido pelas elites estatais até meados da década de sessenta revelava um enorme receio face às consequências de uma industrialização e urbanização aceleradas, pelo que a abertura do país ao exterior era reduzida e a entrada de estrangeiros muito limitada»⁽⁴⁷⁾.

Em 1965, Thomaz afirmava: «São hoje cerca de 100.000 os cristãos goeses espalhados pelo Mundo fora de Goa»⁽⁴⁸⁾. Contudo, como observou J. Jackson «é característico de todo o migrante procurar, tanto quanto possível, efectuar uma mudança do conhecido para o conhecido»⁽⁴⁹⁾.

A existência da *Casa de Goa* em Lisboa constitui, em 1994, um inequívoco sinal da significativa presença de Goezes na capital portuguesa. Das relações estabelecidas a todos os níveis, principalmente entre duas cidades, Lisboa e Goa (*Velha Goa e Nova Goa ou Panaji*), que polarizaram uma ligação multiseccular e involuntariamente intercultural, resultou a actual presença goesa em Lisboa.

Quanto a nós, definem-se como Goezes, não só os naturais de Goa, mas também os seus descendentes, sobretudo os da segunda geração (nascidos em Lisboa em virtude da migração dos seus progenitores).

Os migrantes da primeira geração são encarados como Portugueses, não apenas porque politicamente assim são classificados, mas, sobretudo, devido às políticas e estratégias de assimilação/integração implementadas pelos governos portugueses ao longo do século XX.

O termo *migrante* que adoptámos significa que os Goezes que até 1962 nasceram em Goa e se deslocaram para Lisboa, fizeram-no dentro de um mesmo território nacional, pelo que não podem ser classificados como *emigrantes*, nem *imigrantes*. A deslocação que se verificou, no seu caso, foi, à luz do direito internacional, uma mudança de uma *província ultramarina* para a *metrópole*.

Esta migração teve a particularidade de ser ditada por razões marcadamente culturais, já que a língua portuguesa e a religião católica se tornaram os principais referentes identitários da maioria dos migrantes goeses católicos residentes em Lisboa à semelhança do que sucedia com os naturais da metrópole que também foram educados nos valores tradicionais da trilogia salazarista: *Deus, Pátria e Família*, ou seja, por outras palavras, Religião Católica, Língua e Cultura Portuguesas e preservação da família como célula fundamental da sociedade. Estes eram os elementos de continuidade que Portugal oferecia: posse de nacionalidade portuguesa, a par do domínio da língua e da cultura.

Quanto à religião, ela funciona como elo de interculturalidade e na opinião de Ávila e al. (1993) é determinante na definição de estratégias identitárias dos diferentes grupos das comunidades indianas.

A título de exemplo, a resposta dada por um dos sócios fundadores da *Casa de Goa* à pergunta - *Que objecto na cidade de Lisboa lhe recorda mais Goa?* foi: - *A profusão de igrejas*⁽⁵⁰⁾.

Se quiséssemos delinear o perfil do sócio fundador da *Casa de Goa*, a partir dos resultados do nosso estudo diríamos que nasceu no território de Goa, os seus pais eram, tal como os avós, goeses, possui cidadania portuguesa, frequentou o *Liceu Nacional Afonso de Albuquerque* em Pangim, deslocou-se de Goa para Lisboa, a fim de completar os estudos e casou-se na capital portuguesa com outro Goês, embora tenhamos registado casos em que as pessoas se consorciaram com naturais da *metrópole*. Aos seus filhos, em média em número de dois, ensinaram como primeira língua o Português e educaram-nos segundo os princípios da Igreja Católica.

Os objectos que possuem em casa e que mais lhes lembram Goa são, em muitos casos, figuras religiosas cristãs da arte indo-portuguesa como, por exemplo, Santo António de Lisboa, para

(47) MOREIRA, Adriano José Alves. Catedrático do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos. Ministro do Ultramar (1960-62). *A Nova Ordem Internacional*, Lisboa, 1991.

(48) Citado por ROSAS, op. cit., p. 106.

(49) ESTEVES, Maria do Céu, op. cit., p.20.

(50) THOMAZ, *O Cristianismo e as Tradições pagãs na Índia Portuguesa*, p. 7.

(49) J.A. JACKSON, *Migrações*, Escher, Lisboa, 1991, p. 83.

(50) DE MAGALHÃES, *Goe-*

muitos lisboetas o autêntico santo padroeiro da cidade. Contudo, a herança cultural hindu é reconhecida, por alguns deles, como o elemento primitivo desta identidade compósita (como todas as identidades).

Quase todos os sócios fundadores são quadros superiores do funcionalismo público português. Consideram-se, em geral, equiparados a um nível socio-económico igual ou superior ao dos seus pais, tendo recebido em Portugal uma qualificação específica e/ou uma formação profissional.

As razões da migração foram prioritariamente culturais, apoiadas, em muitos casos, pela residência de parentes ou amigos em Portugal. No caso das pessoas que migraram para Lisboa, no ano de 1962, algumas deslocaram-se a Karachi, pelos seus próprios meios, a fim de embarcarem no navio *Índia*, enviado por Salazar para recolher os *refugiados*. Este significativo grupo de refugiados políticos optou por residir em Lisboa, devido a razões político-culturais.

As relações que mantêm com Goa, há mais de trinta anos, traduzem-se: na manutenção de alguns hábitos alimentares⁽⁵¹⁾; nas viagens, tão frequentes quanto é possível; no acolhimento de familiares e amigos, vindos de Goa; na assinatura da revista *Goa Today* e na atenção prestada a todas as notícias relativas à Índia em geral e a Goa em particular.

Os ensaios semanais do grupo de «*Danças e Cantares Goeses*» têm-se revelado um forte laço socio-cultural, cumprindo o objectivo de passar «*testemunho*» às novas gerações de uma significativa herança cultural.

A maioria não pensa em regressar definitivamente a Goa, devido, talvez em parte, ao facto de se sentirem, quase todos, bastante satisfeitos com a sua situação em Lisboa e à circunstância dos filhos terem nascido já nesta cidade.

Não se reconhecendo como uma *minoría étnica*, identificam-se como Portugueses e Indianos, sem hierarquizar, na maior parte dos casos, esta dupla pertença.

O projecto mais acalentado para o futuro é o da obtenção de uma sede condigna para a *Casa de Goa*, a par do desejo de ver, em breve, implementados os acordos culturais estabelecidos entre Portugal e a União Indiana, no que ao território de Goa diz respeito. Ou seja, a passagem da teoria à prática.

Relativamente ao papel dos meios associativos nas sociedades ocidentais, este tem sido reconhecido por vários autores⁽⁵²⁾. As associações favorecem a inserção dos seus membros na sociedade de acolhimento. No entanto, até ao momento, o associativismo não tem sido uma característica das comunidades indianas. Podemos mesmo afirmar que o associativismo indiano tem sido mais de *expressão* do que de *reivindicação*⁽⁵³⁾, tal como nos parece ser também o caso da associação da *Casa de Goa*.

(51) O caril confeccionado por alguns dos sócios fundadores da *Casa de Goa* é nas suas próprias palavras «o melhor, o único e verdadeiro caril».

(52) REX, John, *Raça e Etnia*, Lisboa, Estampa, 1988.

(53) ÁVILA, op. cit., pp. 115-133.

3. GOESES EM LISBOA

Os primeiros Indianos chegaram a Lisboa em 1498, a bordo das caravelas que regressaram a Portugal na primeira viagem de Vasco da Gama. Eram quatro pescadores hindus e um mouro de Calecute que foram trazidos com o intuito de transmitirem aos Portugueses a língua e os costumes daquela cidade indiana ⁽⁵⁴⁾.

Os monarcas portugueses tinham consciência da necessidade de ultrapassar o mais cedo possível a barreira da língua, o grande elo de comunicação humana. Esta estratégia era igualmente adoptada pelos reis indianos e, por isso, em 1514, o rei de Calecute envia a D. Manuel I um indiano ilustre chamado *Chetty* ⁽⁵⁵⁾, a fim de aprender Português e os costumes da Corte portuguesa.

O primeiro Goês que viveu em Lisboa de quem há notícia, Rauluchantim, representava os ourives na cidade de *Velha Goa* e era chefe da aldeia de *Caraim das Ilhas* ⁽⁵⁶⁾.

Damião de Góis escreve sobre *Crisna*, brãmane goês, que residiu em 1520 na cidade de Lisboa, tendo desempenhado vários cargos de nomeação régia ⁽⁵⁷⁾.

Para Pinto ⁽⁵⁸⁾ (1958), as origens da emigração goesa podem ser delineadas desde os tempos da Revolução Francesa, quando, no ano de 1779, o então Governo Britânico da Índia tinha estacionado a sua armada em Goa, prevenindo o ataque projectado às possessões indianas pelos revolucionários franceses.

Para os Goeses foi a oportunidade de se tornarem cozinheiros, copeiros ⁽⁵⁹⁾, pasteleiros, sapa-teiros, músicos ou clérigos ao serviço de Inglaterra. E, claro está, passaram então a assegurar o serviço da marinha inglesa. A preferência dos Ingleses pelos Goeses deveu-se ao grau de ocidentalização que estes possuíam: eram cristãos, vestiam-se à ocidental, comiam e bebiam como ocidentais, etc.

Na primeira fase a emigração limitou-se às costas da Índia e era constituída por trabalhadores manuais e músicos, apenas.

Em 1869 foi abolida a escravatura em todos os domínios portugueses, surgindo no seu lugar um sistema de contrato laboral, cujo principal objectivo era recrutar um largo contingente de pessoas simples, ignorantes e analfabetas, pertencentes às castas mais pobres da Índia, e levá-las como trabalhadores para lugares como as Maurícias, Guiana Britânica, Natal, etc., ⁽⁶⁰⁾.

Quando o obstáculo da religião foi removido em 1910 e os não-Cristãos foram admitidos nas escolas portuguesas, praticamente todo o serviço administrativo e as profissões independentes passaram para as mãos dos não-Cristãos.

Assim, todos os Goeses Cristãos, *batcar* (grandes proprietários) ou *mundcar* (pequenos proprietários), consideraram a emigração como a única esperança para a sua sobrevivência. A emigração foi «*encorajada*» pelo Governo Português, como fonte de remessas que enriqueciam o tesouro goês.

⁽⁵⁴⁾ PISSURLENCAR, P., *Os Primeiros Goeses em Portugal*, Separata do Boletim do Instituto Vasco da Gama, n.º 31, Tipografia Rangel, Bastorá, 1936. «os primeiros indianos que estiveram em Portugal foram quatro pescadores hindus e um mouro, moradores em Calecut, os quais Vasco da Gama levou consigo, em 1498, de regresso da sua primeira viagem da Índia, para delles se aver falla e pratica».

⁽⁵⁵⁾ PISSURLENCAR, P., *Os Primeiros Goeses em Portugal*, Separata do Boletim do Instituto Vasco da Gama, n.º 31, Tipografia Rangel, Bastorá, 1936: «*pera andar na corte e aprender ho modo della, e a lingua Portuguesa*».

⁽⁵⁶⁾ Idem «*Raulu Xette era mocadão dos ourives na cidade de Goa, e provavelmente um gancar da aldeia de Caraim das Ilhas*». Durante o ano de 1996, esteve patente ao público uma exposição sobre ourivesaria indo-portuguesa, na Igreja de São Roque em Lisboa, intitulada «*A Herança de Rauluchantim*».

⁽⁵⁷⁾ PISSURLENCAR, op. cit.

⁽⁵⁸⁾ PINTO, J.B., *Emigração Goesa*, 1938.

⁽⁵⁹⁾ DE MELLO partilha da mesma opinião, *Goa: A Little Portugal in the East*, Artigo publicado a 16 de Agosto de 1954 no jornal *East African Standard*, Nairobi, pp. 12-19.

⁽⁶⁰⁾ DE MELLO, op. cit., pp. 12-19.

Uma Petição foi elaborada em 1937, em Bombaim, e enviada ao então Major Craveiro Lopes, para tentar resolver os problemas dos Goeses desempregados na Índia, petição que nunca viu a luz do dia.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Índia estivera sujeita ao bloqueio económico e não obtivera alimentos do exterior e Goa fora automaticamente afectada por aquela situação.

De Mello⁽⁶¹⁾ afirma que, em 1947, existiam cerca de 70 mil emigrantes goeses. Gracias revela-nos que: «No início dos anos 50 muitas pessoas emigraram devido ao bloqueio económico, porque aqueles que ganhavam o sustento familiar na Índia não podiam enviar dinheiro para Goa livremente. Simultaneamente o bloqueio impulsionou a extracção mineral»⁽⁶²⁾.

Em 1958 escrevia Pinto: «Disseram-nos, agora, que Goa não é uma colónia tal como é universalmente entendido pela terminologia legal ou étnica, mas é uma província do Portugal metropolitano, glorificada como Cidade de Goa e os Goeses, Hindus, Cristãos e Muçulmanos de Goa não são Portugueses Indianos, como foram designados antes, nem são Cidadãos de Goa, mas Cidadãos Portugueses corpo, ossos e sangue, tal como os do próprio Portugal Metropolitano...

Se assim é, os Goeses da República da União Indiana tornam-se automaticamente estrangeiros e serão submetidos às restritas barreiras alfandegárias, à exigência de passaportes e dificuldades de deslocação entre os dois países. Portugal, até hoje não nos sustentou, de uma forma significativa, quer em Goa quer na Metrópole»⁽⁶³⁾.

Estas críticas põem a nu, por um lado, as mal sucedidas manobras políticas de Salazar para justificar a continuação da presença portuguesa na Índia, após a Guerra de 1939-1945.

Por outro lado, o estatuto de cidadãos portugueses comprometeria seriamente as frequentes relações económicas das populações goesas com os seus mais directos vizinhos.

Quanto à autonomia financeira do Estado Português da Índia, tal autonomia é confirmada pelos estudos de Teodoro de Matos.

Qual era, em termos demográficos, a situação de Lisboa no início dos Anos 50? «Lisboa concentra 60% do total da população residente na Área Metropolitana de Lisboa»⁽⁶⁴⁾. A população lisboeta habitava o centro da cidade ao contrário do que se verifica nas duas últimas décadas.

O recenseamento de 1981 fornece-nos os dados mais completos, sobre a mesma população, constantes do gráfico 6⁽⁶⁵⁾.

(61) SALAZAR, *Goa and the Indian Union: Portuguese View*, Lisboa, 1956, Agência Geral do Ultramar, p. 14.

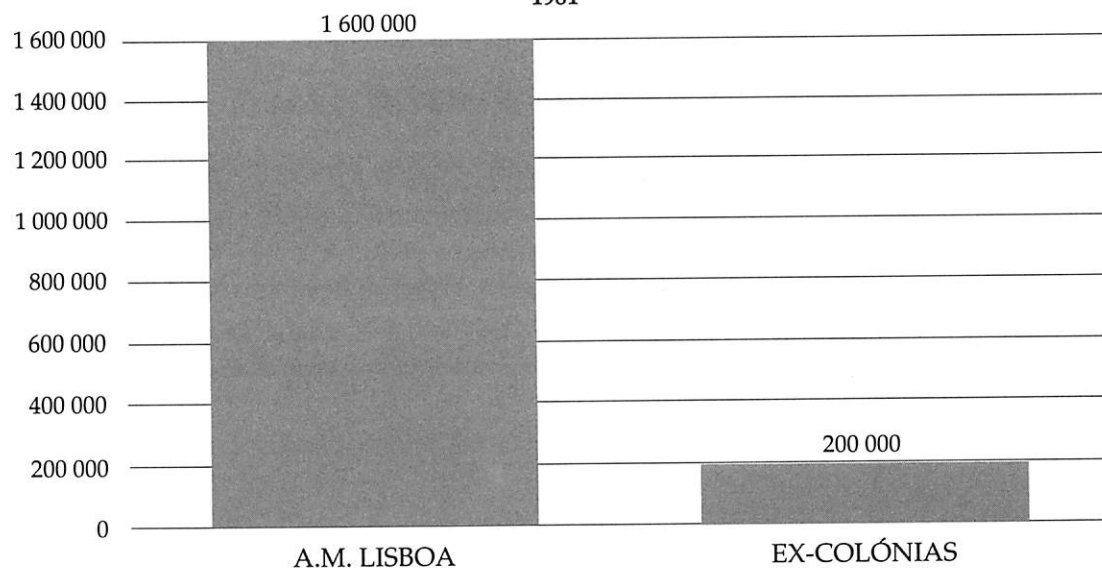
(62) GRACIAS, Fatima, *Qualidade de Vida na Goa Colonial: Expressão Higiénica (Sécs. XIX-XX)*, in *Essays in Goan History*.

(63) PINTO, op. cit.

(64) *Lisboa e Área Metropolitana Censos 1991*, p. 21.

(65) *Lisboa e Área Metropolitana Censos 1991 (Dados Preliminares e Provisórios)*, Gabinete de Estudos e Planeamento da Câmara Municipal de Lisboa, Janeiro de 1993, pp. 2-26.

Gráfico 6 - População da Área Metropolitana de Lisboa 1981



O recenseamento de 1991 informa-nos que: «*Apenas nas últimas seis décadas fixaram-se na Área Metropolitana de Lisboa 1.650.000 pessoas, 68.000 na cidade de Lisboa e 1.582.000 na periferia*»⁽⁶⁶⁾. O que significa que, nos nossos dias, Lisboa apenas abriga cerca de 26% da população da AML. Apenas em 1993 a Câmara Municipal de Lisboa procura oficialmente dar resposta à presença de minorias na capital portuguesa, criando o *Conselho Municipal das Comunidades Imigrantes e das Minorias Étnicas*. As funções deste órgão são meramente consultivas, estando nele representadas as associações de imigrantes com sede no Concelho de Lisboa⁽⁶⁷⁾.

(66) Idem.

(67) Estão representadas neste *Conselho Municipal* casas e associações de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Brasil, e Goa. A etnia cigana também está representada, bem como a comunidade dos refugiados de Timor - vide *Lisboa. Acção Social*, Revista da Câmara Municipal de Lisboa, Ano II, n.º 3, Janeiro de 1993. Consulte-se também o trabalho de Ana Paula Cordeiro e Telma Viegas, Lisboa, Cidade Multicultural, apresentado nas Jornadas sobre "A CIDADE", pp. 349 a 377.

Goa



"I was born in Eastern India, birthplace of poetry, philosophy and of history, today its tomb. (...). I belong to that race that wrote the Mahabarata and invented chess - two concepts in which something of eternity and infinity are contained."

Francisco Luís Gomes

INDEX

	Page
1. GOA: TERRITORY, POPULATION AND CULTURES	41
1.1. Location and Geographic Characteristics	41
1.2. Etymological Sense of the Word <i>Goa</i>	42
1.3. Climate, Natural Resources and Principal Economic Activities	42
1.4. Demographic Characteristics	43
1.5. Some Socio-Cultural Aspects	45
2. FROM GOA TO PORTUGAL: HISTORICAL AND SOCIO-DEMOGRAPHIC ASPECTS	49
3. GOANS IN LISBON	53
 BIBLIOGRAPHY	 79
 USEFUL INFORMATION	 81

1. GOA: TERRITORY, POPULATION AND CULTURES

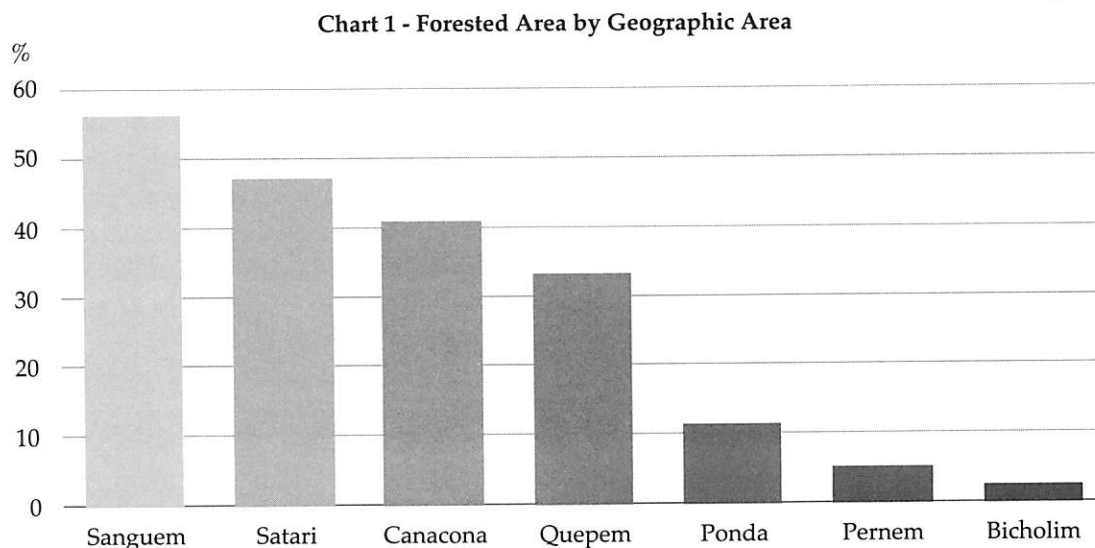
1.1. Location and Geographic Characteristics

"The small and picturesque State of Goa, variously known as The Tropical Paradise for Tourists, Golden Entrance for business; and the Emerging little Giant in the manufacturing sector, is located approximately in the centre of the west coast of India", (Kamat⁽¹⁾, 1990).

The territory of Goa has a total of only 3,611 Km² and, in an expanse of 960 Km, it is the only port of entry on the west coast of India, "situated in the far south of the coast of the Konkan". The mountainous chain of the *Western Ghats* appears as a backbone and, simultaneously, an insurmountable barrier between the Indian Ocean and the interior of India. (vd. Maps n.º 1 - South Asia-Goa, Daman and Diu and n.º 2 - India - Political Map).

The forest gets thicker next to the mountainous chain of the Ghats, forming a natural barrier in conjunction with it. Therefore, the interior regions have a greater forested area than the coastal zones. For example, the *talukas*⁽²⁾ of **Bardez, Tiswadi and Salcete** do not have any forested area.

Chart number 1⁽³⁾ illustrates the percentage of forested area in each *taluka*.



(¹) KAMAT, Pratima, Historical Geography and Natural Resources, in **Goa Through the Ages**, edited by Teotónio de Souza.

(²) *Taluka* - Administrative division made up of an established number of villages.

(³) The graphics presented are based on statistical information from the *Gazetteer of India*, op.cit, pp. 36, 219, 225 and 480-487 and from the *Regional Plan for Goa*, op. cit., p. 10

The coconut palm groves that stand out above the scenery of the coastal area indicate the limits of the rice fields. The coconut palm trees are present in the integrated lands in the interior.

The water resources of Goa are so abundant that they give the region the appearance of a very concentrated archipelago. There are eighteen large islands and numerous small ones. The two main rivers are the *Mandovi* and the *Zuari*, which have large estuaries and are true routes for penetrating into the interior of the territory. The coast of Goa has, similar to the Portuguese coast, excellent - estuaries entered by the tides. The rivers are efficient means of transport due to the copious amount of water maintained by the monsoon rains.

The *Old Conquests*, or in the current designation - *Coastal Talukas*, include the districts of **Bardez, Tiswadi** (the Island of Goa - Old Goa (Velha Goa) and Pangim, Panaji or New Goa are found here) and **Salcete**. Conquered in the 16th century, these islands, analogous to the other islands and archipelagos in the Atlantic, were integrated into the political strategy of Portuguese expansion in the 1500's.

The *New Conquests*, carried out in the 18th century, were expanded to the base of the Ghats. The *Intermediate Talukas* are: **Pernem, Bicholim, Ponda and Quepem**. The *Talukas of the Ghats* are divided into: **Satari, Sanguem and Canacona**. (v.d. Map n.º 3 - *Administrative Map of Goa*).

1.2. Etymological Sense of the Word Goa

Goa is known in Konkani as *Goem*. The word is related to the Sanskrit term "go", a cow in the sense of a cattle country. Curiously, the map of the territory suggests the profile of a cow's head.

The worship of the cow goes back to biblical times when the destiny of the Aryan tribes on the road from the Indian subcontinent depended on the vitality of their herds.

The usually accepted derivation of the term *gomantaka* comes from *go* + *manta* + *ka*. *Go* means cow, *gomanta* a group of cattle owners with *ka* as a suffix added to the noun to indicate decrease, deterioration and similarity⁽⁴⁾.

Mythology gives us the following explanation of the origin of Goa:

"...a Brahman whose name was Paraxurama was interested in destroying the caste of Kshatryas. Defeated by the emperor Rama, the Brahman had no other solution but to deliver himself to the victor as a victim and the one responsible for the war. He then asked the Omnipotent if he would give him a tract of land where he could live in peace and enjoy liberty. It was thus that, through a miracle, an arrow shot into the Indian ocean was transformed into land that was offered to Paraxurama so that he could build his kingdom there. Paraxurama, enchanted by the beauty of the gift, gave it the name Gomantak", (Coissoró⁽⁵⁾, 1968).

1.3. Climate, Natural Resources and Principal Economic Activities

The monsoon⁽⁶⁾ profoundly marks the Goan climate and natural resources. For the farmers, the monsoon represents a time of intense activity, opposite to what happens with the fishermen.

(4) *Gazetteer*, 1979

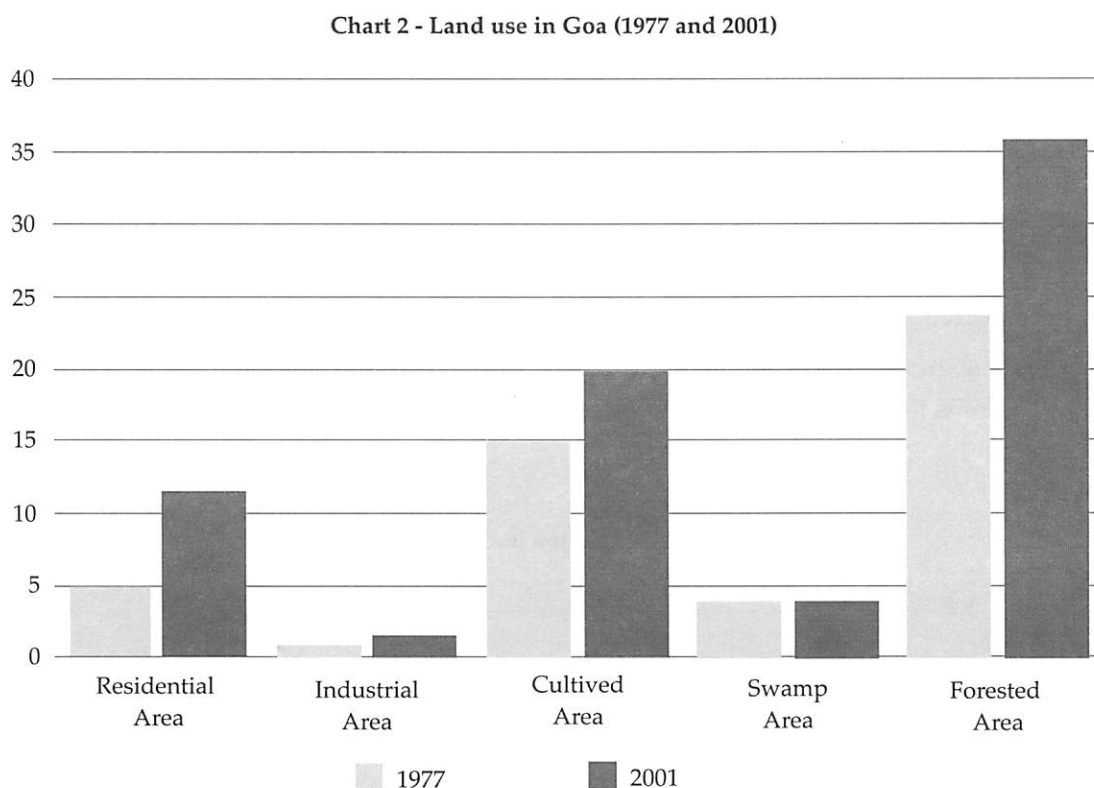
(5) COISSORÓ, Narana, *Goa, Terras e Tradições*, Lisbon, Pamphlet from "Comunidades Portuguesas"

(6) Periodic wind, typical of southern and south-eastern Asia, which blows very regularly in certain seasons of the year. Generally, in the Summer, it blows from the sea to the continent (maritime monsoon) and in the Winter it blows from the continent to the sea (continental monsoon). Currently, in India it is the rainy season that lasts four to five months and during which sailboats do not embark.

The average humidity remains above 75%. The temperature is high throughout the year. The greatest rainfall is recorded during the months of June to September. Thanks to the porosity of the laterite, the lands remain humid even during the dry season that runs from December to April. Rice, the basic food, is harvested twice a year: after the maritime monsoon in the month of September and in April, at the end of the continental monsoon.

In the decade of the seventies, the cultivated area increased from 35.56% to 42.58%, "27.8% being rice paddies and the remaining 72.19% mainly groves of cashew trees"⁽⁷⁾.

Chart 2 illustrates the Use of Land in Goa:



The fishing activity supplies greater profits than agriculture. For example, the price of rice is five times less than the value of fish or of shrimp. The contribution of agriculture decreased from 35% in the decade of the seventies to 16% during the eighties. However, in economic terms, mining has replaced the remaining activities. Even in 1956, Gourou⁽⁸⁾ stated that iron and manganese were being produced by the mines, also mentioning the existence of cashew factories.

It was only in 1947 that the exportation of Goan iron was started, primarily to Japan.

1.4. Demographic Characteristics

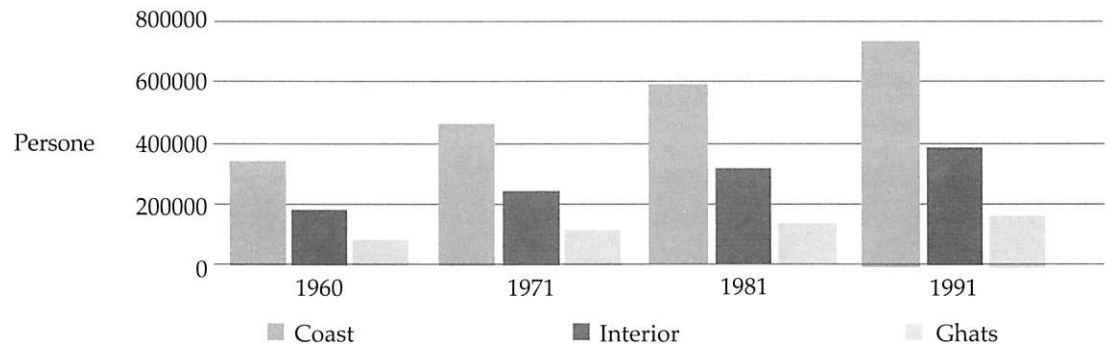
Chart 3⁽⁹⁾ shows the demographic development of Goa from 1960 to 1991, from the coast to the interior and mountainous regions of the Ghats. In it you can note the increasing attraction that the coast has been exerting over the populations of the territory:

⁽⁷⁾ *Regional Plan for Goa - 2001 AD*, 1987.

⁽⁸⁾ GOUROU, Pierre, *Goa, Algumas Observações de Geografia Tropical*, in "Garcia de Orta", Lisbon, Magazine of the Council of the Geographic Missions and for Overseas Investigation, Special Edition, 1956, pp. 79-81.

⁽⁹⁾ The graphics presented were based on the statistical information from the *Gazetteer of India*, op.cit., pp. 36, 219, 225 and 480-487 and from the *Regional Plan for Goa*, op.cit., p. 10.

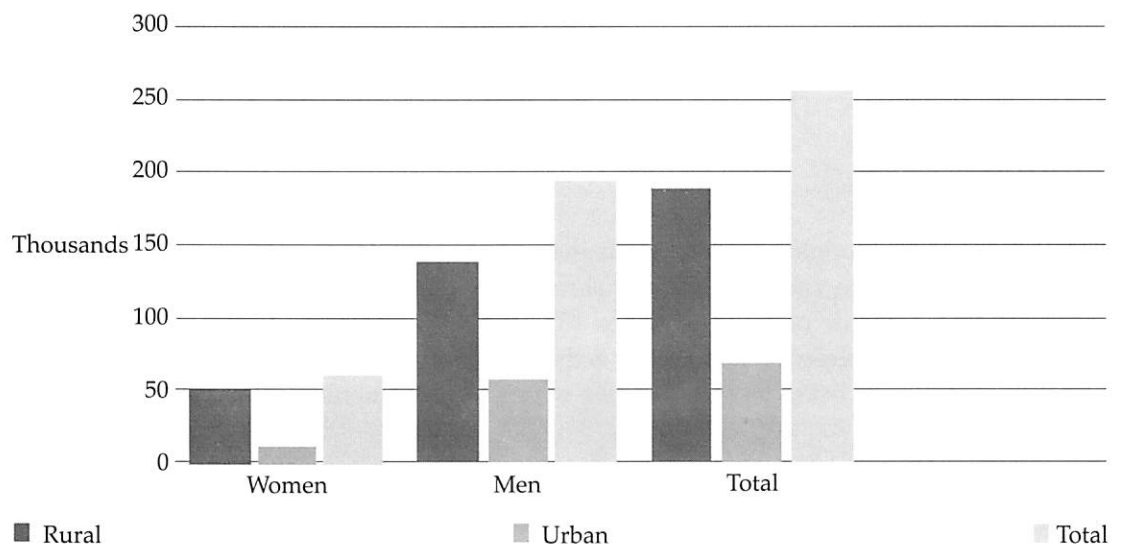
Chart 3 - Distribution of the Population of Goa (1960-1991)



According to the census of 1971, the population of the district of Goa was 795,120 persons, comprised of 401,362 men and 393,758 women and totalled 92.69% of the total population of the territory of Goa, Damão and Diu. Relative to the rural population, according to the same census, there were 383 small towns with a total of 591,877 inhabitants in the district of Goa.

Chart 4⁽¹⁰⁾ shows the active population, rural and urban, distributed by sex, in 1981. The rural, male working population clearly predominates.

Chart 4 - Working Population in Goa: Rural and Urban



⁽¹⁰⁾ All the graphics presented were based on the statistical information in the *Gazetteer of India*, op. cit., pp 36, 219, 225 and 480-487.

In Goa, as in many other places on the planet, we are observing the phenomenon of the progressive urbanisation of the population. Demographics forecast that by the year 2000 around 4/5 of the world's population will live in cities.

1.5. Some Socio-Cultural Aspects

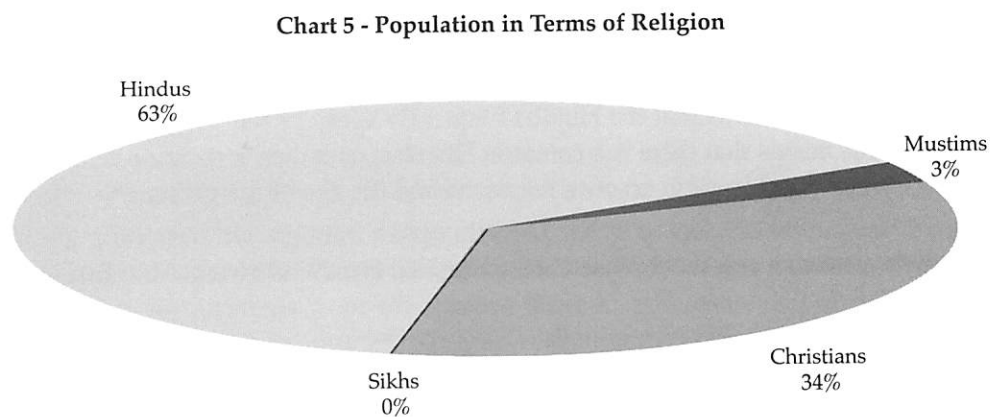
Konkani

Konkani is the language currently used in Goa. If it were not for the intelligent action of the Jesuits who studied the Konkani grammar and literature, the mother tongue of the Goans may not have been able to survive the official negligence and discouragement through the centuries. The Jesuits were responsible for the first literary and grammatical works printed in the Konkani language⁽¹¹⁾.

The *gomantaki*, as it is called by some philologists in reference to the ancient name of that Indian fortress (*Gomantak*), was, at the end of four centuries of occupation, the language that absorbed the greatest amount of vocabulary in the contact of the Portuguese with the Orient⁽¹²⁾. Robusto⁽¹³⁾ quoted Cunha Rivara who, in 1858, stated that the Konkani language had introduced around one thousand Portuguese words into its vocabulary. In the words of Thomaz, "Konkani is today the only Indian language that is written in Latin characters"⁽¹⁴⁾. (v.d. Map n.º 4 - India - Linguistic Map).

Hinduism

Chart 5⁽¹⁵⁾ supplies the percentage of the population by their religion. The Hindus clearly stand out as the majority in the overall population.



As the chart above shows us, Hinduism is practised nowadays by around 63% of the total population of the territory of Goa. One can see on the Cultural and Landscape Map of Goa (Map n.º 5), where the principal Hindu temples are marked. The *Taluka de Ponda* is the area where a larger concentration of these temples are found.

Orlando Ribeiro⁽¹⁶⁾ tells us that "in front of each Hindu house, or in the interior patio, in the yard of each temple (*dealai*) there rises from a small pedestal...a sacred plant - the *tulôsse*, which is worshipped every day and to which ritual offerings are made".

Hinduism is first of all, just as occurred with Christianity or Islam, a hypothetical system of the formation of the universe, a fabric over all the practices of the religion, that consists of prayers and sacrifices.

⁽¹¹⁾ MASCARENHAS, Mira, *The Church in Eighteenth Century Goa*, in "Essays in Goan History", edited by Teotonio R. de Souza, New Delhi, 1989, pp. 80 to 101.

⁽¹²⁾ JUMA, Imitaz, *A Medicina Portuguesa nos Descobrimientos*, edited by ROCHE, Lisbon, 1992, p. 115.

⁽¹³⁾ ROBUSTO, Rodrigo Wolfgang, *Goa-Terra Indo-Portuguesa*, Author's Edition, Lisbon, 1953, pp. 89-90.

⁽¹⁴⁾ THOMAZ, Luis Filipe F. Reis, *O Cristianismo e as Tradições Pagãs na Índia Portuguesa*, Council for Overseas Investigations, Lisbon, 1965, p. 8.

⁽¹⁵⁾ The graphics presented were based on the statistical information in the *Gazetteer of India*, op.cit., pp. 36, 219, 225 and 480-487 and in the *Regional Plan for Goa*, op.cit., p.10.

⁽¹⁶⁾ RIBEIRO, Orlando, op. cit., p. 188

(17) Reference to the use of the *upauaiana* line.

(18) "Regra Moral" (Moral Rule) in Grande Dicionário da Língua Portuguesa, José Pedro Machado, vol. I, p. 682.

(19) A liturgical ceremony in which the water is employed in different ritual acts in order to purify the body and the soul of the believers. MACHADO, op. cit.

(20) Dom João de Brito, born in Lisbon, in 1647 and was killed in *Madura* in 1693. He was a personal friend of King Pedro II (1688-1706), he dedicated his life to the missions in the south of India where he performed the functions of *pandara*. In the 20th century the Catholic Church canonised him as Saint João de Brito. There is a *freguesia* (smallest governmental unit in Portugal) with his name in Lisbon. See DE OLIVEIRA E COSTA, João Paulo A., *A Missão de João de Brito*, Biblioteca Evangelização e Culturas, Cocujães (Portugal), 1992.

(21) DUMONT, Louis, *Homo Hierarchicus, Essai sur le système des castes*, Paris, Éditions Gallimard, 1966, p. 36. The term caste derives from the Latin *castus* - anything not mixed.

(22) BIARDEAU, op.cit., p. 193.

(23) BASHAM, *The Wonder That Was India*, p. 138.

(24) Dravidians - the indigenous population of the South of India.

(25) Means class. Literally meaning birth (BIARDEAU, 1981).

(26) Transmigration of the soul from one body to another.

The prayer is composed of the recitation of Vedic hymns and of others, that it is necessary to respect in their entirety and to which magical powers are many times attributed. Besides this prayer, the **personal prayer** must be considered. Each person, in effect, has their very own individual prayer, wrapped in a magic formula by their **spiritual director** or **guru**. This individual prayer corresponds to the belief that there is a certain secret power within each person. The major prayer, or the universal **mantra**, is composed of the mysterious syllable **aum**, a symbol of the **trimurti**.

There are rites that can almost be compared to sacraments in the western sense. Birth, for example, is marked by a ceremony during which a bit of honey and butter are introduced into the **mouth of the child**. Around twelve years of age, the **initiation** of *Brahman* boys is carried out, during which the adolescent is admitted into the Brahman community, being able to use proper *cord*⁽¹⁷⁾ from then on. According to old decrees⁽¹⁸⁾, it is then that he receives the superior direction of a *guru*.

Water represents an important role in the Hindu liturgy and in the religious life of the population. There are numerous sacred pools used for religious ablutions⁽¹⁹⁾ and the rivers are, generally, sacred.

The holy city of Hinduism is Benares in the north of India. In the south, the city of *Madura*, is prominent, well known to our ancient missionaries, in particular Saint João de Brito⁽²⁰⁾, one of the most prototypical Portuguese examples of intercultural comprehension.

As in other parts of India, the Hindus of Goa are divided into castes and subcastes. The term *caste*²¹ had been used for the first time by the Portuguese upon arriving in India. For a long time this term designated indiscriminately the caste, more properly stated as *varna*.

The Sanskrit term *varna* also means colour, however, for Biardeau (1981), the word *varna* translates better as class, since "the term simultaneously designates a social function, a status and a specific relationship with Vedic ritual"⁽²²⁾.

Basham (1967) explains to us that the Hindus frequently speak of the "Dharma of the class and stage of life". This means that there is a common Dharma, or rather, a norm of behaviour that is equal for everyone, taking into account the *varna* and the age of the person⁽²³⁾.

Dravidian⁽²⁴⁾ India was conquered by the Indo-European immigration beginning in the year 1500 before the common era, the conquest being pursued from Northwest to the East and from the North to the South. According to some authors, the most characteristic traits had been imposed on the Indian civilisation by it: the castes (*jati*⁽²⁵⁾) and the metempsychosis⁽²⁶⁾. There are, however, Indian scholars that link the system of castes and the idea of the transmigration of souls to an influence of an influence from the indigenous milieu⁽²⁷⁾.

In any of the circumstances, the invaders found organised societies with their own culture. If the goddess, of which the Vedic texts only supply a dim sketch, achieved such importance, it was because the "indigenous worship", "dravidian", focused on her, reasserted her importance and was recognised by official Hinduism⁽²⁸⁾.

The final form of Hinduism resulted, in great degree, from the influence of the Southern Dravidian. However, the *Vedas*, *Brahmanas*, and *Upanishads* were studied only by those who had undergone a ceremony of initiation.

The Vedic scriptures⁽²⁹⁾ state that the Hindu system of the *varnas* goes back to *Prajapati*⁽³⁰⁾. Therefore, there is a mystic identification between God, victim and the one who performs the sacrifice⁽³¹⁾. It is extensively believed that the universe itself was created from a primitive sacrifice⁽³²⁾.

As we have already explained, the Brahmans, the highest varna, could have appeared from God's mouth (from the Primitive Man - *Purusa, Brahma*⁽³³⁾); the *Kshatriyas*, the warriors, from his biceps; the *Vaiçyas*, the businessmen, from his hips; the *Çudras*, the artisans, from his feet. At the lowest point are found those without a varna; they are called the *Untouchables* and could have been created from the earth.

The second fundamental concept of Hinduism, reincarnation, is connected to the system of castes. The body is nothing more than a temporary sheath for the soul⁽³⁴⁾ (*atman*). The *atman* is the immortal principal that, in man, is called to free itself from the body in order finally to attain the perfect identification with the *Brahman*.

The life of the body is only one of the many incarnations of the soul during its voyage through eternity, a chain that begins and ends in the union with the cosmos. The balance of good and evil accumulated during all the mortal existences is called *karma*. It is this that determines if a soul, in its new incarnation - *samsara*⁽³⁵⁾, goes up or down in the hierarchy of castes.

Hinduism is a religion without a founder, although revealed, without dogma, without liturgy and without a church. The creator and its creation are one. Therefore, God is present everywhere and is everywhere the same, under the most diverse aspects. For the Hindus there is only one fault, the *avidya* - ignorance. This consists in not "seeing" the evidence of the presence of God in all things⁽³⁶⁾.

The Mother Goddess was also venerated in India from the beginning. In general, it was thought that the God was inactive and supreme, while the Goddess was active and intrinsic. The main form of the Mother Goddess was that of the wife of *Siva* that could present a benevolent aspect, for example *Mahadevi* (the Great Goddess) or a threatening aspect, for example *Kali* (the Black). In this latter variant she is frequently represented with several arms grasping different weapons⁽³⁷⁾.

The earth, universal mother, water, source of life and fire, essence of the energy and of destruction, made up the trimurti, the trinity of Hinduism to which we have already referred.

The majority of Hindus are deists and maintain their family and religious traditions. The life of a Hindu is like a cycle of rituals and ceremonies called *samskaras* (sacraments). According to some sources, these *samskaras* are divided into two categories: *nitya* (custom) - that should be carried out - and are sixteen in number and *naimittika* (special rites that the individual can perform or not). - and there are twenty four of them.

The most important rituals are those of birth, puberty, marriage, pregnancy and death, that vary from *jati*⁽³⁸⁾ to *jati* within the same region. From this arises the difficulty in making, theoretically, such different social customs uniform.

(33) DE BRITO, Raquel Soeiro, *Goa e As Praças do Norte*, Junta de Investigações do Ultramar, 1966, pp. 26/27

(34) As happened with the Romans, in their conquering of Greece (2nd century BC) they were conquered by the Hellenic culture.

(35) There are 1,028 hymns in the *Rig Veda*, which is the oldest religious text in the world and would have been written between 1500 and 900 BC Besides the *Veda*, there are the *Brahmanas*, and the mystical *Aranyakas* and the *Upanishads* This combination completes the literature designated as Vedic.

(36) Also identified with *Brahma*. This term *Brahma* (neuter noun) means *Being, Conscience and Unlimited*, or according to another triad: *Being, Conscience and Bliss. Purusa / Prajapati* (dialectical and circular relationship).

(37) The Christian religion also originates from this symbiosis in the figure of *Jesus Christ*.

(38) BASHAM, op.cit., p. 242.

(39) Many times identified with *Prajapati*, "The Lord of Beings".

(40) *atman* means *he himself exactly*.

(41) Transmigration from re-birth to re-birth.

(42) *Gazetteer of India*, p. 45.

(43) BASHAM, op.cit., p. 314

(44) See footnote n.º 25

2. FROM GOA TO PORTUGAL: HISTORICAL AND SOCIO-DEMOGRAPHIC ASPECTS

In 1515, the Portuguese State of India was established. The *Indian Ocean*, previously named by the Muslims, was crossed by Portuguese Christian ships that patrolled this enormous commercial area⁽³⁹⁾.

In 1860, Francisco Luís Gomes⁽⁴⁰⁾ demanded independence for all the Indians, including British India and the India of the Princes or *Maharajahs*⁽⁴¹⁾:

"I was born in Eastern India, birthplace of poetry, philosophy and of history, today its tomb. (...) I belong to that race that wrote the Mahabarata⁴² and invented chess - two concepts in which something of eternity and infinity are contained.

I ask for India, free and radiant! For me, happier than my compatriots, because I am free, CIVIS SUM, these titles would be sufficient to recommend me to you that admires my country and loves humanity"⁽⁴³⁾.

The Conference of Berlin in 1884, promoted by the German Empire and supported by France, imposed on all the colonising countries the effective occupation of their overseas territories. For Portugal, this measure was discovered to be difficult to accomplish and Britain, in particular, hoped to be able to obtain benefits from this situation.

The *Colonial Act* of 1930, written by Salazar when he was Minister of Colonies, asserted the existence of "a historical and essential function of possessing, civilising and colonising overseas territories". In these assertions the idea of historical providentialism is evident, characteristic of Medieval historiography and even of the Modern Age. In other words, in Salazar's opinion, the Portuguese Nation was destined to dominate its colonies.

The Portuguese territories came to be called the "Colonial Empire"⁽⁴⁴⁾ For Adriano Moreira⁽⁴⁵⁾, Minister of Overseas Territories in the midst of Salazarism, the essential objectives of the *Colonial Act* were, on the internal level, "the administrative unification of each colony; the suppression of the regime of the high-commissioners (...); supervision by the Government of the financial and economic administration of the colonies; development of imperial economic solidarity. From the external point of view, a principal of nationalism incompatible with the exercise of public powers by any singular or group of companies was asserted"⁽⁴⁶⁾.

Making the colonial administration uniform absolutely denied the right to difference or even the official recognition of this. The idea of a Nation occupies, starting from that time in Portugal, the place formerly granted to the Catholic Church. The Missionary Agreement of 1940 and the Missionary Statute of 1941 reinforced the imperialist vision of Salazarism.

Salazarism and Marcelism in the Portuguese 20th Century were made methodical by the same socio-political model that sought to curtail the industrialisation of the country and the respective demographic outbreak. In the expression of Maria do Céu Esteves, "the model of society and of development promoted by the elite of the State until the middle of the sixties showed an enormous fear

⁽³⁹⁾ THOMAZ, Luís Filipe Ferreira Reis, *Estrutura Política e Administrativa do Estado da Índia no século XVI*, in II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa, 1982, pp. 513-540.

⁽⁴⁰⁾ Born in Salcete in 1830, graduated in Medicine and was elected Deputy to the Portuguese Cortes (assembly of the nobility, clergy and common people), being in the city of Lisbon in 1861. Died on the way to Goa in 1870.

⁽⁴¹⁾ Maharajahs - from the Sanskrit meaning "great king". *Rajah* is the term that designates an Indian monarch. MACHADO, op. cit., vol. IV, p. 32.

⁽⁴²⁾ The most important of the epic poems in Indian literature. The poem describes a great civil war in the Kingdom of the Kurus, in the area of the present city of New Delhi - the war of the Mahabharat. See BASHAM, *The Wonder That Was India*, pp. 81, 113, 409.

⁽⁴³⁾ Translation of an excerpt of the letter from Francisco Luís Gomes to Lamartine, cited by José Nicoláu Gomes de Oliveira, in *Goa*, Three-monthly Magazine of the House of Goa, December 1990, N.º 4, p. 12.

⁽⁴⁴⁾ ROSAS, Fernando, *O Estado Novo nos Anos Trinta*, p. 91

⁽⁴⁵⁾ MOREIRA, Adriano José Alves, Full Professor of the Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, Minister of Overseas Territories (1960-62). *A Nova Ordem Internacional*, Lisboa, 1991

⁽⁴⁶⁾ cited by ROSAS, op.cit., p. 106.

of facing up to the consequences of an accelerated industrialisation and urbanisation, through which the opening of the country to the exterior was reduced and the entrance of foreigners very limited"⁽⁴⁷⁾.

In 1965, Thomaz stated: "Today there are around 100,000 Christian Goans spread around the world outside of Goa"⁽⁴⁸⁾. However, as J. Jackson noted, "it is characteristic of every migrant to seek, as much as possible, to accomplish a change from the known to the known"⁽⁴⁹⁾.

The existence of the Casa de Goa (Goa House) in Lisbon, established, in 1994, establishes an unmistakable signal of the significant presence of Goans in the Portuguese capital. From the relationships established at all levels, mainly between two cities, Lisbon and Goa (*Velha Goa* (Old Goa) and *Nova Goa* (New Goa) or *Panaji*) that polarised a centuries-old and unwittingly intercultural connection, resulted the current Goan presence in Lisbon.

As far as us, Goans are defined not only as those born in Goa, but also their descendants, especially those of the second generation, (born in Lisbon owing to the migration of their ancestors).

The migrants of the first generation are seen as Portuguese not only because they are politically classified as such, but above all due to the politics and strategies of assimilation/integration implemented by the Portuguese governments throughout the 20th century.

The term *migrant* that we have adopted means that the Goans who were born in Goa and moved to Lisbon until 1962, did this within the same national territory. Because of which they cannot be classified as *emigrants* nor *immigrants*. The move that occurred in their case, was, in the light of international law, a move from an *overseas province* to a *metropolis*.

This migration had the peculiarity of being dictated by notably cultural reasons, since the Portuguese language and the Catholic religion had become the principal identifying references for the majority of Catholic Goan migrants living in Lisbon. This is similar to what occurred with the natives of the metropolis who also were educated in the traditional values of the Salazarist trilogy: *Deus, Pátria e Família* (God, Country and Family), or in other words, the Catholic Religion, the Portuguese Language and Culture and preservation of the family as the basic unit of society. These were the elements for the permanence that Portugal offered: a right to Portuguese nationality, along with the language and culture.

Relative to religion, it functioned as an intercultural link and in the opinion of Ávila et.al. (193) it has been a determining factor in the definition of identifying strategies for the different groups in the Indian communities.

As an example, the response given by one of the founding members of the Casa de Goa to the question - *What thing in the city of Lisbon reminds you most of Goa?* it was: - *The abundance of churches*⁽⁵⁰⁾.

If we wanted to depict the profile of the founding member of the Casa de Goa, beginning from the results of our study we would say that he was born in the territory of Goa, his parents were, as were his grandparents, Goan, he had Portuguese citizenship, he attended the *Liceu Nacional Afonso de Albuquerque* in Pangim, he moved from Goa to Lisbon in order to complete his studies and was married in the Portuguese capital to another Goan, although we have recorded cases in which the people married natives of the metropolis. They taught their children, on average two in number, Portuguese as a first language and educated them according to the principals of the Catholic Church.

The things that they have at home and that remind them most of Goa are, in many cases, Christian religious figures in Indo-Portuguese art such as, for example, Saint Anthony of

(47) ESTEVES, Maria do Céu, op.cit., p. 20

(48) THOMAZ, *O Cristianismo e as Tradições pagãs na Índia Portuguesa*, p. 7.

(49) J.A. JACKSON, *Migrações*, Escher, Lisbon, p. 83.

(50) DE MAGALHÃES, *Goeses em Lisboa*, 1994.

Lisbon, for many citizens of Lisbon the real patron saint of the city. However, the Hindu cultural heritage is recognised by some of them as the primitive element of this composite identity (as all the identities).

Almost all the founding members are senior staff in the Portuguese civil service. They are, generally, considered classified on an equal or at a higher socio-economic level than their parents, having received a specific qualification and/or professional training in Portugal.

The reasons for the migration were primarily cultural, supported, in many cases, by the residence of family or friends in Portugal. In the case of the people who migrated to Lisbon in the year 1962, some went to Karachi through their own means in order to set sail on the ship *India*, sent by Salazar to pick up the *refugees*. This significant group of political refugees chose to live in Lisbon due to political-cultural reasons.

The relationships that they have maintained with Goa, for more than thirty years, is manifested in some eating habits⁽⁵¹⁾; in trips, as frequent as possible; in welcoming family and friends coming from Goa; in the subscription to the magazine *Goa Today* and in the attention given to all the news relative to India in general and to Goa in particular.

The weekly practices of the group for "*Goan Dances and Songs*" have been shown as a strong socio-cultural tie, achieving the objective as performing as a "*witness*" to the new generations of a significant cultural heritage.

The majority do not think about returning decisively to Goa, due, perhaps in part, to the fact of almost all feeling quite satisfied with their circumstances in Lisbon and the situation of their children having been born in this city.

Not recognising themselves as an ethnic minority, they identify themselves as Portuguese and Indians, without considering one of these two higher than the other, in the greater number of cases.

The most cherished project for the future is that of acquiring a suitable headquarters for the *Casa de Goa*, along with the desire to see implemented, at an early date, the cultural agreements established between Portugal and the Indian Union in regard to the territory of Goa. That is, the progress from theory to practice.

Relative to the role of the associative milieu in western societies, this has been recognised by several authors⁽⁵²⁾. The associations prefer the introduction of their members into the welcoming society. Nevertheless, up to the present, forming associations has not been a characteristic of Indian communities. We can even state that forming associations by Indians has been more an *expression* than a *claiming of rights*⁽⁵³⁾, as also seems to us to be the case of the *Casa de Goa* association.

⁽⁵¹⁾ The curry prepared by some of the founding members of the *Casa de Goa* is, in their own words, "*the best, the only true curry*".

⁽⁵²⁾ REX, John, *Raça e Etnia*, Lisbon, Estampa, 1988.

⁽⁵³⁾ ÁVILA, op. cit., pp. 115-133.

3. GOANS IN LISBON

The first Indians arrived in Lisbon in 1498 on board the caravels that returned to Portugal on the first voyage of Vasco da Gama. They were four Hindu fisherman and a Moor from Calicut that were brought with the intention of communicating the language and customs of that Indian city to the Portuguese ⁽⁵⁴⁾.

The Portuguese monarchs were conscious of the need to overcome, at the earliest possible time, the language barrier, the major link in human communication. This strategy was similarly adopted by the Indian kings and, as a result, in 1514, the King of Calicut sent a celebrated Indian named **Chetty** ⁽⁵⁵⁾ in order to learn Portuguese and the customs of the Portuguese Court.

The first Goan that lived in Lisbon of whom there is information, Rauluchantim, represented the goldsmiths in the city of *Velha Goa* and was chief of the village of *Caraim das Ilhas* ⁽⁵⁶⁾.

Damião de Góis wrote about **Krishna**, a Brahman Goan, who lived in 1520 in the city of Lisbon, having performed several responsibilities by royal appointment ⁽⁵⁷⁾.

For Pinto ⁽⁵⁸⁾ (1958), the origins of Goan emigration can be traced from the times of the French Revolution, when, in the year 1789, the then British Government of India had stationed its armada at Goa, averting the contemplated attack on their Indian possessions by the French revolutionaries.

For the Goans it was the opportunity to become cooks, waiters ⁽⁵⁹⁾, pastry cooks, cobblers, musicians or clerks in the service of England. And, it is clear, they were then accepted to guarantee the service of the English Navy. The preference of the English for the Goans was due to the degree of westernisation that they had: they were Christians, dressed in the western manner, ate and drank like westerners, etc.

In the first phase, the emigration was limited to the coasts of India and was made up of manual labourers and musicians only.

In 1869 slavery was abolished in all the Portuguese territories. In its place emerged a system of contract labour, whose main objective was to recruit a large contingent of simple, ignorant and illiterate persons, belonging to the poorest castes in India and to take them as labourers to places such as the Mauritius Islands, British Guyana, Natal, etc. ⁽⁶⁰⁾

When the obstacle of religion was removed in 1910 and non-Christians were admitted into Portuguese schools, practically the entire administrative service and the independent professions passed into the hands of the non-Christians.

Therefore, all the Goan Christians, *batcar* (large owners) or *mundcar* (small owners), considered emigration as the only hope for their survival. This emigration was "encouraged" by the Portuguese Government as a source of remitted funds that would enrich the Goan treasury.

⁽⁵⁴⁾ PISSURLENCAR, P., *Os Primeiros Goeses em Portugal*, Pamphlet from the *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, N.º 31, Tipografia Rangel, Bastorá, 1936. "the first Indians that were in Portugal were four Hindu fishermen and a Moor, residents of Calicut, who Vasco da Gama took with him, in 1498, on returning from his first voyage from India, in order for them to have speech and practice (para delles se aver falla e pratica)".

⁽⁵⁵⁾ PISSURLENCAR, P., *Os Primeiros Goeses em Portugal*, Pamphlet from the *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, N.º 31, Tipografia Rangel, Bastorá, 1936: "in order to be in the court and learn the habits of it, and the Portuguese language (para andar na corte e aprender ho modo della, e a lingua Portuguesa)".

⁽⁵⁶⁾ Idem. "Raulu Xette was mocadão of the goldsmiths in the city of Goa, and probably a gançar of the village of Caraim das Ilhas. During the year 1996, an exhibition about Indo-Portuguese jewelry was open to the public in the Church of São Roque in Lisbon entitled "The Heritage of Rauluchantim".

⁽⁵⁷⁾ PISSURLENCAR, op. cit.

⁽⁵⁸⁾ PINTO, J.B., *Emigração Goesa*, 1958

⁽⁵⁹⁾ DE MELLO shared the same opinion, *Goa: A Little Portugal in the East*, Article published on the 16th August of 1954 in the newspaper *East African Standard*, Nairobi, pp. 12-19.

⁽⁶⁰⁾ DE MELLO, op.cit., pp 12-19.

A Petition was prepared in 1937 in Bombay and sent to the then Major Craveiro Lopes in order to try to resolve the problems of unemployed Goans in India, a petition that never saw the light of day.

During the Second World War, India was subject to the economic blockade and could not obtain food from the outside and Goa was automatically affected by this situation.

De Mello⁽⁶¹⁾ stated that, in 1947, there were around 70 thousand Goan emigrants. Gracias told us that: "At the beginning of the 1950's many people emigrated due to the economic blockade because those that earned their family maintenance in India could not freely send money to Goa. Simultaneously the blockade stimulated mining for minerals."⁽⁶²⁾

In 1958 Pinto wrote: "They told us, now, that Goa is not a colony as is universally understood by the legal or ethnic terminology, but it is a province of metropolitan Portugal, glorified as the City of Goa and the Goans, Hindus, Christians and Muslims of Goa are not Portuguese Indians, as they were formerly designated, nor are they Citizens of Goa, but Portuguese Citizens body, bones and blood, such as those in Metropolitan Portugal itself..."

If this is so, the Goans of the Republic of the Indian Union automatically became foreigners and were subject to the restrictive customs barriers, to demands for passports and difficulties in moving between the two countries. Portugal, even today, has not supported us in a significant manner, whether in Goa or in the Metropolis."⁽⁶³⁾

These criticisms disclosed, on the one hand, the unsuccessful political manoeuvres of Salazar to justify the continuation of the Portuguese presence in India after the 1939-1945 War. On the other hand, the status of Portuguese citizens seriously jeopardised the frequent economic relationships of the Goan populations with their closest neighbours.

As far as the financial autonomy of the Portuguese State of India, such autonomy has been confirmed by the aforementioned studies by Teodoro de Matos⁽⁶⁴⁾.

In demographic terms, what was the situation in Lisbon at the beginning of the 1950's? "Lisbon consolidated 60% of the total population resident in the Metropolitan Area of Lisbon."⁽⁶⁵⁾ The residents of Lisbon lived in the centre of the city, contrary to what has been noted in the last two decades.

The official census of 1981 supplies us with more complete data about the same population, as reported in chart 6⁽⁶⁶⁾.

(61) SALAZAR, *Goa and the Indian Union: Portuguese View*, Lisbon, 1956, General Office for the Overseas Territory, p. 14

(62) GRACIAS, Fatima, *Qualidade de Vida na Goa Colonial: Expressão Higiênica (Sécs. XIX-XX)*, in *Essays in Goan History*.

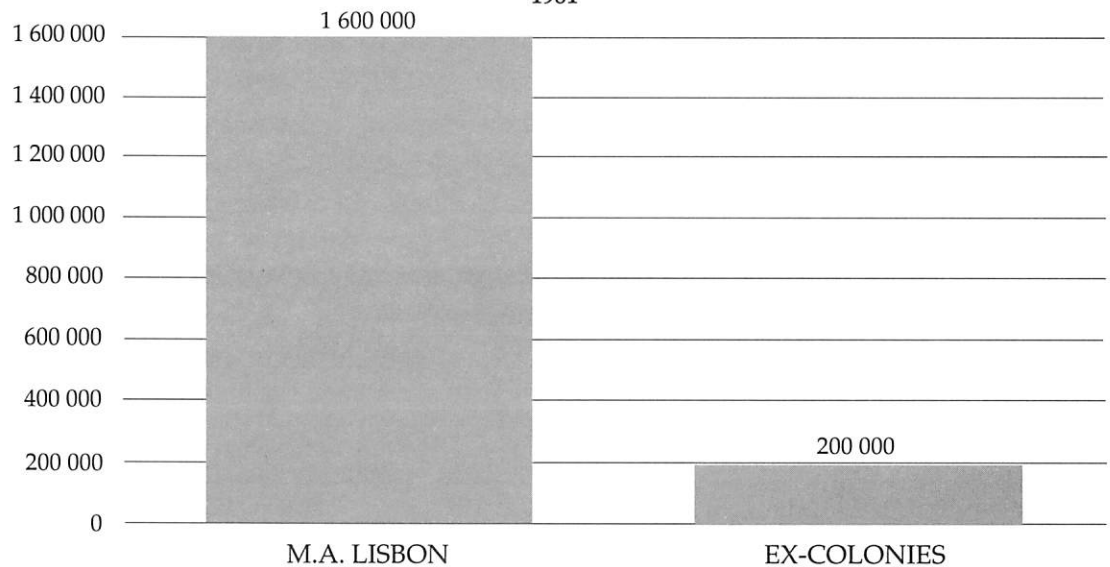
(63) PINTO, op. cit.

(64) Reread p. 88 of the dissertation of the author.

(65) *Lisboa e Área Metropolitana. Censos 1991*, p 21

(66) *Lisboa e Área Metropolitana. Censos 1991 (Preliminary and Provisional Data)*, Office of Studies and Planning of the City Council of Lisbon, January 1993, pp. 2-26.

Chart 6 - Population of the Metropolitan Area of Lisbon 1981



The official census of 1991 tells us that: "Only in the last six decades 1,650,000 persons settled in the Metropolitan Area of Lisbon, 68,000 in the city of Lisbon and 1,582,000 on the periphery."⁽⁶⁷⁾ What this means is that, nowadays, Lisbon houses only around 26% of the population of the Metropolitan Area of Lisbon.

Only in 1993 did the City Council of Lisbon seek to give an official response to the presence of minorities in the Portuguese capital, creating the *Municipal Council for the Immigrant Communities and Ethnic Minorities*. The functions of this agency are merely consultative with representatives on it of the immigrant associations with headquarters in the Lisbon City Council area⁽⁶⁸⁾.

⁽⁶⁷⁾ Idem.

⁽⁶⁸⁾ Represented on this *Municipal Council* are "Casas" and associations from Angola, Cabo Verde, Guinea-Bissau, São Tomé and Príncipe, Brazil and Goa. Ethnic Gypsies are also represented as well as the community of refugees from Timor - see *Lisboa. Acção Social*, the Magazine of the City Council of Lisbon, Year II, nº 3, January, 1993. Also consult the work of Ana Paula Cordeiro and Telma Viegas, Lisboa, Cidade Multicultural, presented in the Conferences about "A CIDADE", pp. 349 to 377.

Goa



«Je suis né en Inde orientale, berceau de la poésie, de la philosophie et de l'histoire, aujourd'hui son tombeau. (...). J'appartiens à cette race qui a écrit le Mahabarata et a inventé les échecs - deux conceptions où quelque chose d'infini est contenue».

Francisco Luís Gomes

SOMMAIRE

	Pages
1. GOA: TERRITOIRE, POPULATION ET CULTURES:	63
1.1. Situation et Caractéristiques Géographiques	63
1.2. Etymologie du Mot <i>Goa</i>	64
1.3. Climat, Ressources Naturelles et Principales Activités Économiques	64
1.4. Caractéristiques Démographiques	65
1.5. Quelques Aspects Socioculturels	66
2. DE GOA AU PORTUGAL: ASPECTS HISTORIQUES ET SOCIO-DEMOGRAPHIQUES	71
3. RESSORTISSANTS DE GOA A LISBONNE	75
BIBLIOGRAPHIE	79
INFORMATIONS UTILES	81

1. GOA: TERRITOIRE, POPULATION ET CULTURES

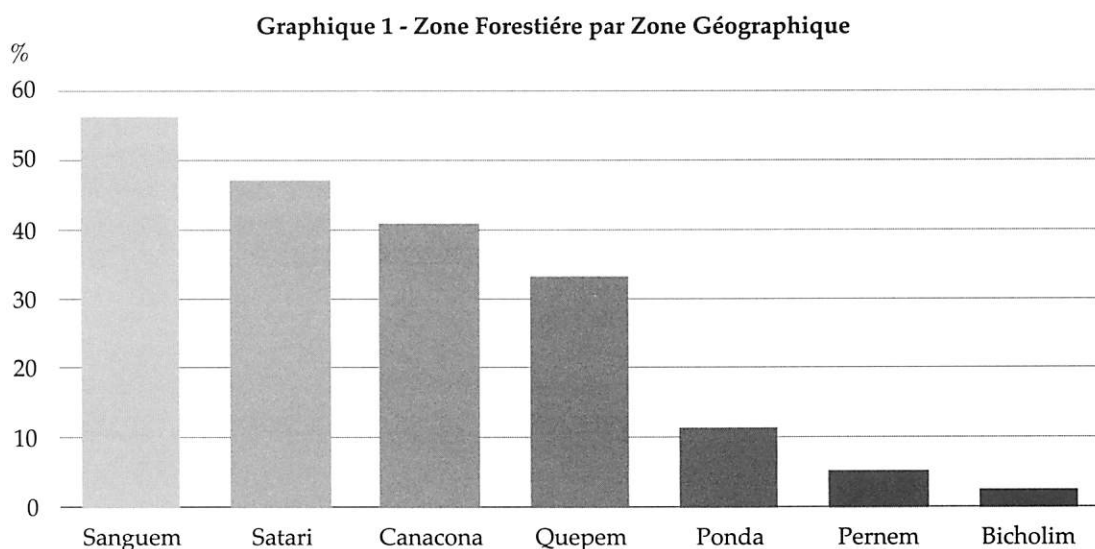
1.1. Situation et Caractéristiques Géographiques

«Le pittoresque petit Etat de Goa, est célébré de façon tout à fait diverse comme *Le Paradis tropical des touristes*, comme *l'Entrée dorée du commerce*; et également comme *Le Petit géant émergent* dans le secteur manufacturier, est situé approximativement au centre de la côte occidentale de l'Inde», (Kamat⁽¹⁾, 1990).

Le territoire de Goa occupe une superficie de 3.611 Km² tout au plus, et s'étend sur 960 Km, constituant l'unique entrée de la côte occidentale de l'Inde, «situé à l'extrême sud de la côte de Concão». La chaîne de montagnes des Ghats occidentaux apparaît comme une épine dorsale et, simultanément, comme une barrière infranchissable entre l'Océan Indien et l'intérieur de l'Inde. (v. Cartes n.° 1 - Asie du Sud-Goa, Damão et Diu - n.° 2 Union Indienne - Carte Politique)

La forêt devient plus impénétrable près de la chaîne des Ghats, constituant toutes deux une barrière naturelle. Ainsi, les régions de l'intérieur possèdent une plus grande surface forestière que le littoral, comme c'est le cas, par exemple avec les *talukas*⁽²⁾ de **Bardez**, **Tiswadi** et de **Salcete** qui n'ont pas de surface forestière.

Le graphique 1⁽³⁾ représente le pourcentage de zone forestière dans chaque *taluka*:



Les cocoteraies qui apparaissent sur le littoral, soulignent les limites des rizières. Les aréquiers, palmiers qui donnent la noix d'arec, surgissent dans les terres irriguées de l'intérieur.

(¹) KAMAT, Pratima, *Historical Geography and Natural Resources*, in *Goa Through The Ages*, édité par Teotónio de Souza.

(²) *Taluka* - Division administrative constituée par un certain nombre de villages.

(³) Les graphiques présents dans cette étude ont été établis à partir des informations statistiques de *Gazetteer of India*, op. cit., pp. 36, 219, 225 et 480-487 du *Regional Plan for Goa*, op. cit., p. 10.

Les ressources en eau de Goa sont très abondantes et confèrent à la région l'aspect d'un archipel très concentré. Il y a dix-huit îles principales et d'innombrables plus petites. Les deux principaux fleuves sont le *Mandovi* et le *Zuari*, aux larges deltas et qui offrent de véritables voies de pénétration vers l'intérieur du territoire. Le littoral de Goa possède, comme le littoral portugais, d'excellents estuaires pénétrés par la marée. Les fleuves sont des voies de transport efficaces grâce à leur débit important maintenu par les pluies de la mousson.

Les *Velhas Conquistas* (Vieilles Conquêtes), sous le nom actuellement de *Talukas Costeiras*, comprennent les districts de *Bardez*, *Tiswadi* (Ilha de Goa - Velha Goa et Panjim, Panaji ou Nova Goa s'y trouvent situées) et *Salcete*. Ces îles conquises au XVI^e siècle, comme grand nombre d'îles et d'archipels de l'Atlantique, ont fait partie de la stratégie d'expansion portugaise de l'époque.

Quant aux *Novas Conquistas* (Nouvelles Conquêtes), effectuées au XVIII^e siècle, elles se sont étendues jusqu'au pied du Ghats. Les *Talukas Intermédias* (Talukas intermédiaires) sont *Pernem*, *Bicholim*, *Ponda* et *Quepem*. Les *Talukas du Ghats* se divisent en: *Satari*, *Sanguem* et *Canacona*, comme on peut l'observer sur la *Carte Administrative de Goa* (Carte n.º 3).

1.2. Etymologie du mot Goa

Le nom Goa est connu, en Concani, comme *Goem*. Ce terme est dérivé du terme sanskrit "go", signifiant vache dans le sens de pays vacher. Fort curieusement la carte du territoire évoque le profil d'une tête de bétail.

La vénération de la vache remonte à l'époque biblique, quand le destin des tribus aryennes, en route vers le sous-continent indien, dépendait de ses troupeaux.

La dérivation, habituellement admise, du terme *gomantaka* vient de *go+manta+ka*; *go* signifiant bétail, *goamnta* groupe de propriétaires du bétail et le *ka* comme suffixe ajouté au substantif pour exprimer la diminution, la dégradation et la similarité⁽⁴⁾.

La mythologie nous donne l'explication de l'origine de Goa:

«...un brahmane nommé *Paraxurama* voulait détruire toute la caste des *kshatryas*. Vaincu par l'empereur *Rama*, le brahmane n'avait d'autre solution que de s'offrir au vainqueur comme victime et responsable de la guerre. Il a alors demandé au Tout-puissant de lui donner une terre où il puisse vivre en paix librement. Et c'est ainsi que, par miracle, une flèche blanche lancée dans l'Océan Indien s'est transformée en une terre qui fut offerte à *Paraxurama*, ravi par la beauté de ce don, il lui a donné le nom de *Gomantak*», (Coissoró⁽⁵⁾, 1968).

1.3. Climat, Ressources Naturelles et Principales Activités Économiques

La mousson⁽⁶⁾ marque profondément le climat et les ressources naturelles de Goa. À l'inverse des pêcheurs, la mousson représente pour les agriculteurs une époque d'intense activité.

L'humidité moyenne se situe au-dessus de 75%. La température est élevée pendant toute l'année. La plus grande pluviosité se situe pendant les mois de juin à septembre. Grâce au

(4) *Gazetter*, 1979

(5) COISSORÓ, Narana, *Goa, Terras e Tradições*, Lisbonne, encart de "Comunidades Portuguesa" (11), Juillet, 1968.

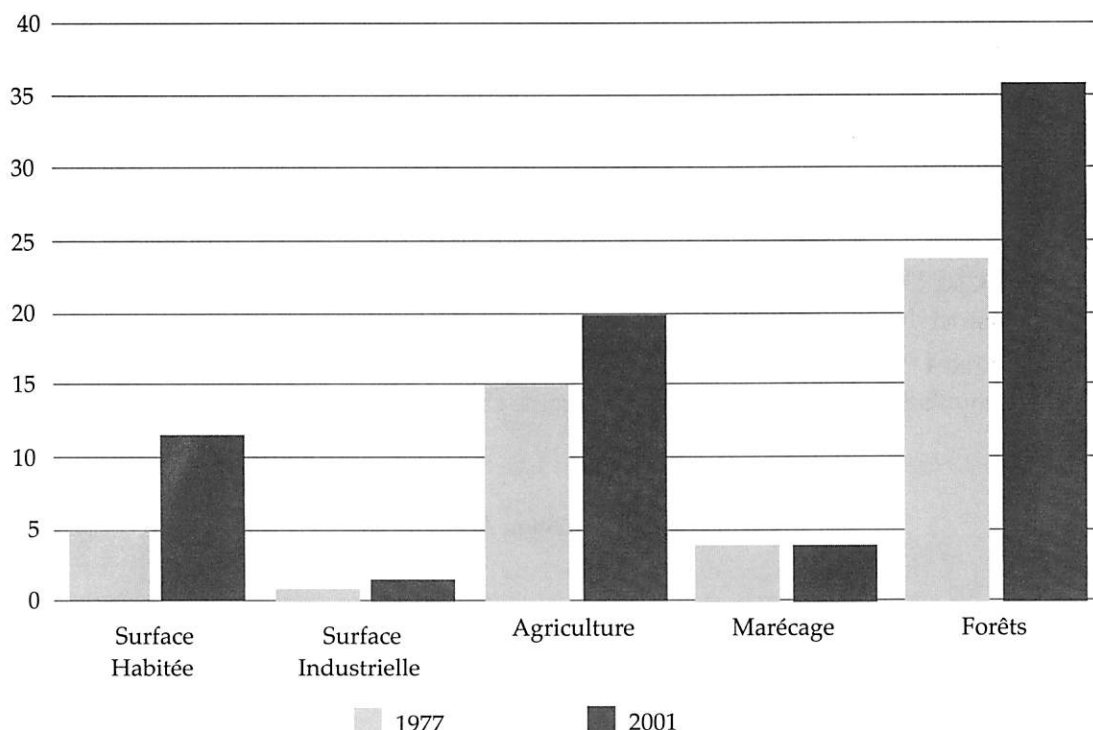
(6) Vent périodique, typique du sud et du sud-est de l'Asie qui souffle régulièrement pendant certaines saisons de l'année. Surtout en été, la mousson souffle de la mer vers le continent (mousson maritime) et en hiver du continent vers la mer (mousson continentale). Actuellement, en Inde, la mousson est la saison des pluies qui dure quatre à cinq mois et pendant laquelle les voiliers ne naviguent pas.

caractère poreux de la latérite, les terres demeurent humides même pendant la saison sèche de décembre à avril. Le riz, base de l'alimentation, est cueilli deux fois par an: après la mousson maritime, de septembre à avril, et après la mousson continentale.

Pendant les années 70, la surface des plantations est passée de 35,56% à 42,58% «27,8% de rizières et la surface restante, 72,19%, occupée principalement par l'anacardier»⁽⁷⁾.

Le Graphique 2 représente l'occupation des sols à Goa:

Graphique 2 - Occupation des Sols à Goa (1977 et 2001)



La pêche produit plus de bénéfices que l'agriculture, ainsi le prix du riz est cinq fois moindre que celui du poisson ou de la crevette. La contribution de l'agriculture est passé de 35% pendant les années soixante-dix à 16% pendant les années quatre-vingt. En revanche, en termes économiques, l'exploitation minière dépasse toutes les autres activités. En 1956, Gourou⁽⁸⁾ indiquait l'extraction de fer et de manganèse dans les mines et l'existence d'usines de cajou.

Ce n'est qu'en 1947 que l'exportation du fer de Goa a commencé, essentiellement vers le Japon.

1.4. Caractéristiques Démographiques

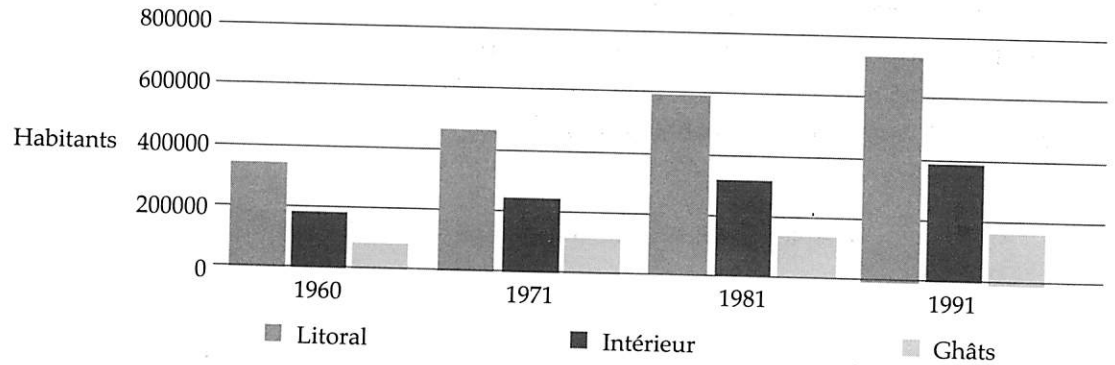
Le graphique 3⁽⁹⁾ représente l'évolution démographique de Goa, de 1960 à 1991, du littoral, des régions de l'intérieur et montagneuses du Ghats. On peut constater la croissante attraction que le littoral exerce sur les populations du territoire:

(7) *Regional Plan for Goa - 2001 A.D.*, 1987.

(8) GOUROU, Pierre, *Goa, Algumas Observações de Geografia Tropical*, in "Garcia de Orta". Lisbonne, Revista da Junta das Missões geográficas e de Investigação do ultramar, Número Especial, 1956, pp. 79-81

(9) Les graphiques suivants s'appuient sur les informations statistiques du *Gazetteer of India*, op. cit., pp. 36, 219, 225 et 480-487, et aussi du *Regional Plan for Goa*, op. cit., p.10.

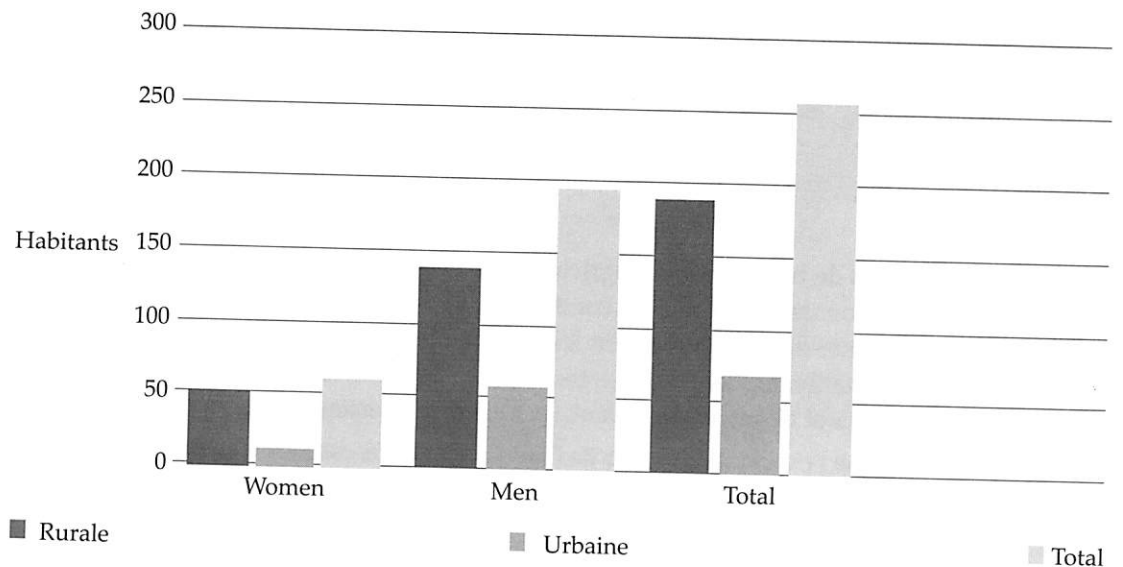
Graphique 3 - Répartition Géographique de la Population de Goa (1960-1991)



La population du district de Goa, selon le recensement de 1971, s'élevait à 795.120 habitants, 401.362 hommes et 393.758 femmes représentant au total 92,69% de la population totale du territoire de Goa, Damão et Diu. Quant à la population rurale, selon la même source, il y avait dans le district de Goa, 383 villes avec un total de 591.877 habitants.

Le graphique 4 ⁽¹⁰⁾ représente la population active, rurale et urbaine, distribuée par sexes, en 1981. La population rurale masculine y prédomine clairement.

Graphique 4 - Population Active de Goa



A Goa, comme d'ailleurs dans de nombreux endroits du globe, nous assistons à un phénomène progressif d'urbanisation des populations, les démographes prévoyant que jusqu'en l'an 2.000, près des 4/5 de la population mondiale vivra dans les villes.

⁽¹⁰⁾ *ibid.*

1.5. Quelques Aspects Socioculturels

Le Concanim

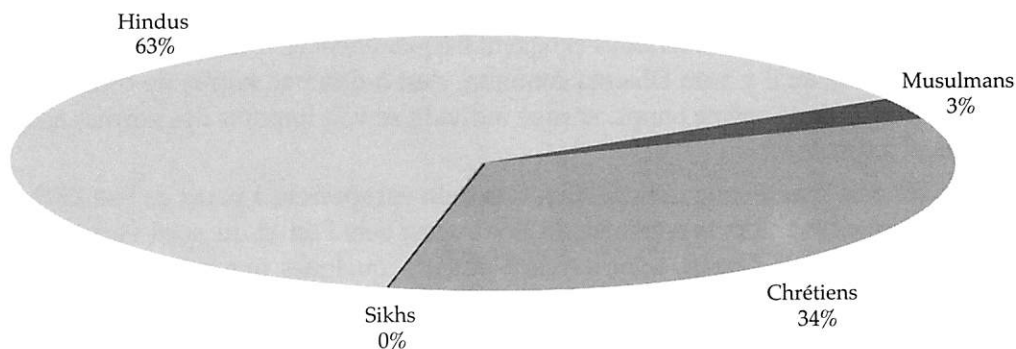
Le concanim est la langue utilisée actuellement à Goa. Si ce n'était la pratique intelligente des Jésuites qui ont étudié la grammaire et la littérature du Concanim, la langue maternelles des habitants de Goa aurait pu ne pas survivre, à travers les siècles, à la négligence et au manque d'intérêt officiel. On doit aux Jésuites les premiers travaux littéraires et grammaticaux imprimés en langue concanim⁽¹¹⁾.

Le *gomantaki*, comme l'appelle certains philologues en référence à l'ancien nom indien du lieu, est la langue qui, au long des quatre siècles d'occupation, a le plus assimilé de vocabulaire portugais⁽¹²⁾. Robusto⁽¹³⁾ cite Cunha Rivara qui, en 1858, affirmait que la langue concanim aurait introduit dans son lexique près de mille mots portugais. Selon Thomaz, «le concanim est aujourd'hui la seule langue indienne qui s'écrit en caractères latins»⁽¹⁴⁾ (v. Carte n° 4 - Union Indienne - Carte Linguistique)

L'Hindouisme

Le graphique 5⁽¹⁵⁾ nous fournit les pourcentages des diverses religions au sein de la population. Les hindous y sont majoritaires.

Graphique 5 - Les Diverses Religions au Sein de la Population



Comme nous l'indique le graphique, l'hindouisme est pratiqué aujourd'hui par près de 63% de la population du territoire de Goa, Observons la *Carte Culturelle et Paysagiste de Goa* (Carte n° 5), où sont indiqués les principaux temples hindous: La *Taluka de Ponda* est la zone où se concentre la majorité des temples.

Selon Orlando Ribeiro⁽¹⁶⁾, «devant chaque maison hindoue, ou à l'intérieur de son patio, sur le parvis de chaque temple ("devalaia") s'élève d'un piédestal... une plante sacrée - "le tulôsse", à laquelle il faut rendre hommage tous les jours et pratiquer les offrandes rituelles».

L'hindouisme comme le christianisme ou le mahométisme, est une cosmogonie mêlée de pratiques de culte qui consistent en des prières et des sacrifices.

⁽¹¹⁾ MASCARENHAS, Mira, *The Church in Eighteenth Century Goa*, in "Essays in Goan History", éd. par Teotónio R. de Souza, New Delhi, 1989, pp.80 à 101.

⁽¹²⁾ JUMA, Imiatz, *A Medicina Portuguesa nos Descobrimientos*, Lisbonne, édité. par ROCHE, 1992, p.115.

⁽¹³⁾ ROBUSTO, Rodrigo Wolfgang, *Goa - Terra Indo-Portuguesa*, Lisbonne, éd. de l'auteur, 1953, pp. 89-90

⁽¹⁴⁾ THOMAZ, Luis Filipe F. Reis, *O Cristianismo e as Tradições Pagãs na Índia Portuguesa*, Lisbonne, Junta de Investigações do Ultramar, 1965, p.8.

⁽¹⁵⁾ Les graphiques suivants s'appuient sur les informations statistiques du *Gazetteer of India*, op. cit., pp. 36, 219, 225 et 480-487, et aussi du *Regional Plan for Goa*, op. cit., p.10.

⁽¹⁶⁾ RIBEIRO, Orlando, op. cit., p.188.

(¹⁷) Référence à l'usage du fil *upauaiana*.

(¹⁸) «Règle morale», in *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, José Pedro Machado, vol. I. p.682.

(¹⁹) «Cérémonie liturgique où l'eau est employée pour différents actes rituels, pour purifier le corps ou l'âme des croyants.» MACHADO, op. cit.

(²⁰) Dom João de Brito est né à Lisbonne en 1647 et est mort à Madurai, en 1693. Ami intime du roi D. Pedro II (1688-1706), il a consacré sa vie aux missions du sud de l'Inde, où il remplit les fonctions de *pandara*. Au vingtième siècle l'Église catholique l'a canonisé sous le nom de Saint João de Brito. Une paroisse de Lisbonne porte son nom. Voir DE OLIVEIRA E COSTA, João Paulo A., *A Missão de João de Brito, Cocujães (Portugal)*, Biblioteca Evangelização e Culturas, 1992.

(²¹) DUMONT, Louis, *Homo Hierarchicus, Essai sur le système des castes*, Paris, Éditions Gallimard, 1966, p. 36. Le terme «casta» dérive du latin «*castus*»: chose qui n'est pas mélangée.

(²²) BIARDEAU, op. cit., p.193.

(²³) BASHAM, *The Wonder That Was India*, p. 138.

(²⁴) Dravidiens - population indigène du sud de l'Inde

(²⁵) c'est-à-dire espèce. Littéralement naissance (BIARDEAU, 1981).

(²⁶) Transmigration de l'âme d'un corps vers un autre corps.

(²⁷) DE BRITO, Raquel Soeiro, *Goa e As Praças do Norte*, Junta de Investigações do Ultramar, 1966, pp. 26/27

(²⁸) Comme cela est arrivé aux Romains en faisant la conquête de la Grèce (IIe siècle avant J.C).

La prière est constituée par la récitation d'hymnes védiques et des formules, qu'il est nécessaire de respecter dans leur intégralité, et auxquelles on attribue, le plus souvent, un pouvoir magique. Hormis cette prière, il existe encore une *prière personnelle*. Chaque personne ayant en effet sa prière individuelle, mêlée d'une formule magique suggérée par le *directeur spirituel* ou *gourou*. Cette prière individuelle correspond à la croyance en un certain pouvoir secret inhérent à chaque personne. La grande prière ou mantra universel, est constituée par la mystérieuse syllabe *aum*, symbole du *trimurti*.

Il existe des rites que l'on pourrait presque comparer à des sacrements, au sens occidental du terme. La naissance, par exemple, est signalée par une cérémonie, pendant laquelle on introduit dans la **bouche de l'enfant** un morceau de miel et de beurre. A l'âge de douze ans environ, pour le garçon brahmane se déroule l'initiation. L'adolescent admis dans la communion brahmanique porte à partir de là le cordon compétent⁽¹⁷⁾. Selon de vieux canons⁽¹⁸⁾, c'est alors qu'il reçoit la direction d'un *gourou*.

L'eau représente un rôle important dans la liturgie hindoue et dans la vie religieuse des populations. Les bassins sacrés destinés aux ablutions⁽¹⁹⁾ religieuses sont nombreux et quant aux fleuves, ils sont en général sacrés.

La ville sainte de l'hindouisme est Bénarès au nord de l'Inde. Au sud, apparaît la ville de *Madura* ou *Madurai*, bien connue des anciens missionnaires portugais et particulièrement de Saint João de Brito⁽²⁰⁾, un des meilleurs exemples d'interculturalité.

Comme dans le reste de l'Inde, les hindous de Goa sont divisés en castes et castes inférieures. Le terme «*Casta*»⁽²¹⁾ aurait été employé par les Portugais en arrivant aux Indes. Ce terme a désigné pendant longtemps la caste, à proprement parlé, et la «varna».

Le terme sanskrit «varna» signifie couleur, toutefois pour Biarreau (1981), le mot «*varna*» traduit mieux l'idée de classe, puisque «le terme désigne simultanément, une fonction sociale, un statut et une relation particulière au rituel védique»⁽²²⁾.

Basham (1967) explique que les hindous évoquent fréquemment le «*Dharma de classe et l'état de la vie*». Cela signifie qu'il y a un Dharma commun, c'est-à-dire une norme de conduite identique pour tous, mais en même temps, chaque individu se voit imposer des normes adaptées au «varna» et à son âge⁽²³⁾.

L'Inde dravidienne⁽²⁴⁾ a été conquise par l'invasion indo-européenne, à partir de l'an 1500 avant notre ère, commençant alors la conquête du nord-ouest vers l'est et du nord vers le sud. La civilisation indienne lui devrait, selon certains auteurs, quelques uns de ses traits les plus caractéristiques: les castes («*jati*»⁽²⁵⁾) et la métempsychose⁽²⁶⁾. Pourtant, certains indianistes établissent un lien d'influence entre le système de castes, la transmigration des âme et le milieu indigène⁽²⁷⁾.

En tout cas, les envahisseurs ont rencontré des sociétés organisées et dotées d'une culture. Si la déesse, dont les textes védiques ne donnent qu'une pâle idée, a acquis une grande ampleur c'est parce que le «culte aborigène», «*dravidien*», centré autour d'elle, a réaffirmé son importance et a été reconnu par l'hindouisme officiel⁽²⁸⁾.

La forme finale de l'hindouisme est le résultat, en très grande partie, de l'influence du sud dravidien. Toutefois, les *Vedas*, les *Brahmanas* et les *Upanishads* étaient uniquement étudiés par ceux qui avaient été soumis à l'initiation.

Les écrits védiques⁽²⁹⁾ affirment que le système hindou des *varnas* remonte à *Prajapati*⁽³⁰⁾. On vérifie ainsi une identification mystique entre Dieu, victime et sacrifiant⁽³¹⁾. La croyance selon laquelle l'univers serait né d'un sacrifice primitif⁽³²⁾ est également répandue.

Comme nous l'avons déjà expliqué, les *Brahmanes*, le varna le plus élevé, seraient sortis de la bouche de Dieu (de l'Homme primitif - *Purusa*, *Brahma*⁽³⁹⁾); les *Kshatriyas*, les guerriers, de ses biceps; les *Vaiçyas*, les commerçants, de ses hanches; les *Çudras*, les artisans, de ses pieds. Tout en bas, sont ceux qui n'ont pas de varna, que l'on appelle les *Intouchables* et qui seraient nés de la terre.

Le deuxième concept essentiel de l'hindouisme, la réincarnation, est lié au système des castes. Le corps n'est qu'une enveloppe provisoire de l'âme⁽³⁴⁾ (*atman*). L'*atman* est le principe immortel qui, chez l'homme, est appelé à se libérer du corps, pour atteindre finalement l'identification parfaite avec le *Brahman*.

La vie du corps est seulement une des multiples incarnations de l'âme pendant son voyage à travers l'éternité, chaîne qui commence et se termine dans l'union avec le cosmos. Le bilan du bien et du mal, accumulés pendant toute les existences mortelles se nomme *Karman*. C'est lui qui détermine si une âme va, dans sa nouvelle incarnation - *samsara*⁽³⁵⁾, monter ou descendre dans la hiérarchie des castes.

L'hindouisme est une religion sans fondateur, bien que révélée, sans dogmes, sans liturgie et sans église. Le créateur et sa créature sont un. Ainsi Dieu est présent partout et est partout le même, sous divers aspects. Pour les hindous, il n'y a qu'une faute, l'*avidya* - l'ignorance, qui consiste à ne pas "voir" l'évidence de la présence de Dieu en toutes choses⁽³⁶⁾.

La déesse-mère a toujours été également, depuis toujours, vénérée en Inde. Globalement, on pensait que Dieu était inactif et transcendant, tandis que la déesse était active et immanente. La principale forme de la déesse-mère était celle de l'épouse de *Shiva* qui pouvait apparaître sous la figure bienveillante, par exemple, de *Mahadevi* (la grande déesse) ou sous la figure menaçante, par exemple, de *Kali* (la noire). Sous cette forme elle est fréquemment représentée avec plusieurs bras, tenant diverses armes⁽³⁷⁾.

La terre, mère universelle, l'eau, source de vie et le feu, essence de l'énergie et de la destruction, composaient la *trimurti*, la trinité de l'hindouisme dont nous avons déjà parlé.

La majorité des hindous sont théistes et maintiennent les traditions familiales et religieuses. La vie d'un hindou est constituée d'un cycle de rituels et de cérémonies nommées *samkaras* (sacrements). Selon certaines sources, ces *samkaras* se divisent en deux catégories; *nitya* (la coutume - cérémonies qui doivent être respectées), au nombre de seize et *naimittika* (rites particuliers facultatifs), au nombre de vingt-quatre.

Les rituels les plus importants sont ceux de la naissance, de la puberté, du mariage, de la grossesse et de la mort, qui varient selon la *jati*⁽³⁸⁾, à l'intérieur d'une même région.

D'où la difficulté d'uniformiser, théoriquement, des coutumes si diverses.

(39) Il existe 1028 hymnes du *Rig-Veda* ou *Rg Veda* qui est le texte religieux le plus ancien au monde et aurait été rédigé entre 1500 et 900 avant J.C. Hormis les *Vedas*, il y a les *Brahmanas*, les mystiques *Arannyakas* et les *Upanishads*. Cet ensemble complète la littérature dite védique.

(30) Désigné également par *Brahma*. Le terme *Brahma* (substantif neutre) signifie Être, Conscience et Illimité ou selon une autre triade: Être, Conscience et Béatitude.

(31) La religion chrétienne procède également à cette symbiose dans la figure de Jésus Christ.

(32) BASHAN, op. cit., p. 242.

(33) souvent identifié avec *Prajapati*, "Le Seigneurur des Êtres".

(34) *atman* signifie littéralement lui-même.

(35) Transmigration de renaissance en renaissance.

(36) *Gazetteer of India*, p. 45.

(37) BASHAM, op. cit., p. 314.

(38) voir note 25.

2. DE GOA AU PORTUGAL: ASPECTS HISTORIQUES ET SOCIO-DEMOGRAPHIQUES

En 1515, l'*Etat portugais de l'Inde* était créé. L'océan Indien, autrefois dominé par les musulmans, était sillonné par des navires chrétiens portugais qui patrouillaient cette immense zone commerciale⁽³⁹⁾.

En 1860, Francisco Luís Gomes⁽⁴⁰⁾ exige l'indépendance pour tous les Indiens, y compris ceux de l'Inde britannique et de l'Inde des princes ou *maharajahs*⁽⁴¹⁾.

«Je suis né en Inde orientale, berceau de la poésie, de la philosophie et de l'histoire, aujourd'hui son tombeau. (...) J'appartiens à cette race qui a écrit le Mahabarata⁽⁴²⁾ et a inventé les échecs - deux conceptions où quelque chose d'infini est contenue.

Je demande pour l'Inde, la liberté et la lumière! Pour moi, plus heureux que mes compatriotes, parce que je suis libre, CIVIS SUM, ces titres devraient être suffisants à me recommander auprès de vous qui admirez ma patrie et aimez l'humanité»⁽⁴³⁾.

La Conférence de Berlin de 1884, sous les auspices de l'empire allemand et appuyée par la France, imposera à tous les pays colonisateurs, l'occupation effective des territoires d'outremer. L'Angleterre espérait bénéficier d'une exigence que le Portugal aurait du mal à respecter.

L'*Acte colonial* de 1930⁽⁴⁴⁾, de Salazar, alors qu'il était ministre des Colonies, affirme l'existence d'«une fonction historique et essentielle de posséder, civiliser et coloniser les possessions d'outremer». Dans une telle affirmation apparaît l'idée d'un providentialisme historique, caractéristique de l'historiographie médiévale et même moderne, c'est-à-dire selon Salazar, la nation portugaise était destinée à dominer ses colonies.

Les possessions de Portugal sont désignées dorénavant par l'expression d'"Empire colonial"⁽⁴⁵⁾. Pour Adriano Moreira⁽⁴⁶⁾, ministre de l'Outremer pendant le salazarisme, les objectifs essentiels de l'*Acte colonial* consistaient sur le plan interne dans «l'unification administrative de chaque colonie; la suppression du régime des hauts-commissariats (...); le contrôle par le gouvernement de l'administration financière et économique des colonies; le développement de la solidarité économique impériale. Sur le plan externe s'affirmait un principe de nationalisme incompatible avec l'exercice des pouvoirs publics par les entreprises»⁽⁴⁷⁾.

L'uniformisation de l'administration coloniale nie dans l'absolu le droit à la différence, ou si voulez son droit à une reconnaissance officielle. L'idée de nation occupe, à partir de là au Portugal, la place autrefois concédée à l'Église catholique.

L'Accord missionnaire de 1940 et le Statut missionnaire de 1941 sont venus renforcer la vision impérialiste du salazarisme.

Le salazarisme et le marcelisme dans le Portugal du vingtième siècle, se sont réglés sur le même modèle socio-économique qui visait à freiner l'industrialisation du pays et son impact

(39) THOMAZ, Luís Filipe Ferreira Reis, *Estrutura Política e Administrativa do Estado da Índia no século XVI*, in II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa, 1982, pp. 513-540.

(40) Né à Salcete en 1830, il étudie la médecine et est élu en 1861 député des Cortes portugaises alors qu'il était à Lisbonne. Il est mort sur la route de Goa en 1870.

(41) Maharajahs - du sanskrit "grand roi". Rajah désignant un souverain hindou. MACHADO, *op. cit.*, vol. IV, p. 32.

(42) Le plus important poème épique de la littérature indienne. Le poème décrit la grande guerre civile au Royaume des Kurus, dans la région actuellement de la ville de New Delhi, la guerre du Mahabharat. voir BASHAM, *The wonder That Was India*, pp. 81, 113 et 409.

(43) Extrait d'une lettre de Francisco Luís Gomes à Lamartine, cité par José Nicolau Gomes de Oliveira, in *Goa*, Revista Trimestral da Casa de Goa, décembre 1990, n°4, p. 12.

(44) voir la chronologie.

(45) ROSAS, Fernando, *O Estado Novo nos Anos Trinta*, p. 91.

(46) MOREIRA, Adriano José Alves. Professeur de l'Instituto Superior de Estudos Ultramarinos. Ministre de l'Outremer (1960-62). A Nova Ordem Internacional, Lisbonne, 1991.

(47) cité par ROSAS, *op. cit.*, p. 106.

sur la croissance démographique. Selon Maria de Céu Esteves «le modèle de société et de développement proposé par les élites de l'État jusqu'au milieu des années soixante révélait une énorme crainte face aux conséquences d'une industrialisation et d'une urbanisation accélérées, ce qui entraînait une ouverture sur l'extérieur extrêmement réduite et une entrée d'étrangers limitée»⁽⁴⁸⁾.

En 1965, Thomaz affirmait: «Il y a près de 100.000 chrétiens de Goa éparpillés à travers le monde»⁽⁴⁹⁾. Toutefois, comme a observé J. Jackson «une caractéristique du migrant est de chercher, si possible, à changer du connu vers le connu»⁽⁵⁰⁾.

L'existence d'une Maison de Goa (*Casa de Goa*) à Lisbonne constitue, en 1994, un signe évident de la présence significative des ressortissants de Goa dans la capitale portugaise. Cette présence est due aux relations établies à tous les niveaux entre les deux villes: Lisbonne et Goa (*Velha Goa* et *Nova Goa* ou *Panaji*), qui ont polarisées un lien plusieurs fois centenaire et involontairement interculturel.

En ce qui nous concerne, nous définissons comme ressortissant de Goa, non seulement ceux qui sont nés à Goa, mais également leurs descendants, surtout ceux de deuxième génération, nés à Lisbonne.

Les migrants de première génération sont considérés comme Portugais, non seulement parce qu'ils sont pour des questions politiques ainsi classés, mais surtout, à cause de politiques et de stratégies d'assimilation/intégration menées par les gouvernements portugais tout au long du vingtième siècle.

Le terme *migrant* que nous adoptons signifie que les ressortissants de Goa qui y sont nés avant 1962 et se sont installés à Lisbonne, l'ont fait à l'intérieur d'un même territoire national, ce qui fait qu'ils ne peuvent être considérés ni comme des *émigrants*, ni comme des *immigrants*. Leur déplacement d'alors, étant à la lumière du droit international, un changement d'une *province d'outremer* vers la *métropole*.

Cette migration a été provoquée pour des raisons culturelles, puisque la langue portugaise et la religion catholique sont devenues les principales références identitaires de la majorité des migrants catholiques de Goa résidants à Lisbonne. Cela étant vrai pour les portugais de métropole qui avaient été éduqués selon les valeurs traditionnelles de la trilogie salazariste: *Dieu, Patrie et Famille*, ou en d'autres termes, Religion catholique, Langue et cultures portugaises et préservation de la famille comme cellule fondamentale de la société. C'était la continuité qu'offrait le Portugal: la nationalité portugaise qui allait de pair avec la maîtrise de la langue et de la culture.

Quant à la religion, elle fonctionne comme lien interculturel et selon Ávila et alii (1993) elle est déterminante dans la définition des stratégies identitaires des différentes communautés indiennes.

A titre d'exemple, la réponse donnée par un des membres fondateurs de la *Maison de Goa* à la question, "Quel objet à Lisbonne qui vous rappelle davantage Goa?", est particulièrement révélatrice, "La profusion des églises"⁽⁵¹⁾.

Si nous voulions esquisser le profil du membre de fondateur de la *Maison de Goa*, à partir des résultats de notre étude nous pourrions dire qu'il est né à Goa, ses parents, étaient comme ses grands-parents ressortissants de Goa, il a la nationalité portugaise, il a fréquenté le *Lycée national Afonso de Albuquerque* de Pangim, il est venu à Lisbonne afin de compléter ses études et s'est marié avec un autre ressortissant. Plus rarement il a épousé quelqu'un né dans la métropole. À ses enfants, deux en moyenne, il a appris comme première langue le portugais et les a éduqués selon les principes de l'Église catholique.

(48) ESTEVES, Maria do Céu, *op. cit.*, p. 20.

(49) THOMAZ, *O Cristianismo e as Tradições pagãs na Índia Portuguesa*, p. 7.

(50) J. A. JACKSON, *Migrações, Lisboa*, Escher, 1991, p. 83

(51) DE MAGALHÃES, *Goeses em Lisboa*, 1994.

Les objets qu'ils possèdent chez eux et qui leur rappellent le plus Goa sont, bien souvent, des figures religieuses chrétiennes de l'art indo-européen comme, par exemple, Saint Antoine de Lisbonne qui pour de nombreux lisbonnins est le saint patron de la ville. Cependant l'héritage culturel hindou est considéré, par certains, comme le substrat primitif de cette identité composite.

Presque tous les membres fondateurs sont des cadres supérieurs de la fonction publique portugaise. Leur statut socio-économique leur semble, en règle générale, correspondre ou dépasser celui de leurs parents, car ayant reçu au Portugal une formation spécifique et/ou une formation professionnelle.

Les raisons de la migration sont en majorité culturelles, renforcées, dans de nombreux cas, par la présence de parents ou d'amis au Portugal. En ce qui concerne les personnes qui ont migré en 1962, certaines sont allées jusqu'à Karachi, par leurs propres moyens afin d'embarquer sur le navire *India*, envoyé par Salazar pour accueillir les réfugiés. Ce groupe de réfugiés politiques a choisi de s'établir à Lisbonne pour des questions politiques et culturelles.

Les relations avec Goa, depuis plus de trente ans, se traduisent par le maintien d'habitudes alimentaires⁽⁵²⁾; par les voyages, aussi fréquents que possibles; par la réception de parents ou d'amis qui viennent de Goa; par l'abonnement à la revue *Goa Today* et par l'intérêt pour les nouvelles sur l'Inde en général et sur Goa en particulier.

Les répétitions hebdomadaires du groupe de "Danses et de Chants de Goa" se sont révélées être un lien socioculturel fort, servant en quelque sorte de "témoin" d'un héritage culturel d'envergure transmis aux jeunes générations.

La majorité n'envisage pas de rentrer définitivement à Goa, et cela parce que sans doute ils sont assez satisfaits de leurs situations à Lisbonne et parce que leurs enfants y sont nés.

Ils ne reconnaissent pas comme une minorité ethnique et s'identifient comme Portugais et Indiens, sans établir de hiérarchie, dans la majorité des cas, entre cette double appartenance.

Le projet le plus cher dans l'avenir est l'obtention d'un siège convenable pour la *Maison de Goa*, et de voir les accords entre le Portugal et l'Union Indienne qui concernent le territoire de Goa mis en pratique .

L'importance du rôle des associations dans les sociétés occidentales est souligné par divers auteurs⁽⁵³⁾. Les associations favorisent l'insertion de ses membres dans la société d'accueil. Néanmoins, la vie associative n'est pas une caractéristique, jusqu'à présent, des communautés indiennes. Nous pouvons même affirmer que l'association est davantage le fait d'une *expression* que d'une *revendication*⁽⁵⁴⁾, comme c'est, nous semble-t-il, le cas de l'association *Maison de Goa*.

(52) Le curry confectionné par certains membres fondateurs de la Maison de Goa est selon leurs propres paroles «le meilleur, l'unique et le vrai curry».

(53) REX, John, *Raça e Etnia, Lisboa, Estampa, 1988.*

(54) ÁVILA, *op. cit.*, pp. 115-133.

3. RESSORTISSANTS DE GOA A LISBONNE

Les premiers Indiens sont arrivés à Lisbonne en 1498, à bord des caravelles qui retournaient au Portugal lors du premier voyage de Vasco de Gama. Il y avait quatre pêcheurs hindous et un musulman de Kozhikode qui venaient afin de transmettre aux Portugais la langue et les coutumes de cette ville indienne⁽⁵⁵⁾.

Les rois portugais avaient conscience de la nécessité de franchir, le plus tôt possible, la barrière de la langue, moyen indispensable de communication. Cette stratégie était également adoptée par les souverains indiens et c'est pour cela que, en 1514, le roi de Calicut envoie à D. Manuel I^{er} un Indien illustre appelé *Chetty*⁽⁵⁶⁾, afin d'apprendre le portugais et les coutumes de la cour portugaise.

Rauluchantim, le premier habitant de Goa à avoir vécu au Portugal, représentait les orfèvres de *Velha Goa* et était le chef du village de *Caraim das Ilhas*⁽⁵⁷⁾.

Damião de Góis a écrit sur *Crisna*, brahmane de Goa ayant habité Lisbonne en 1520 et ayant rempli diverses charges royales⁽⁵⁸⁾.

Selon Pinto⁽⁵⁹⁾ (1958), les origines de l'émigration des habitants de Goa remontent à l'époque de la Révolution Française, lorsqu'en 1789, le Gouvernement Britannique envoya une armada à Goa afin de prévenir une attaque des possessions indiennes par les révolutionnaires français.

Pour les habitants de Goa ce fut l'occasion de devenir cuisiniers, sommeliers⁽⁶⁰⁾, pâtisseries, cordonniers, musiciens au service de la marine anglaise. La préférence que leur accordaient les Anglais provenait de leur degré d'occidentalisation: ils étaient chrétiens, s'habillaient à l'occidentale, mangeaient et buvaient comme des occidentaux, etc.

Dans un premier temps l'émigration s'est limitée aux côtes de l'Inde et était uniquement constituée par des travailleurs manuels et des musiciens.

En 1869 l'esclavage a été abolie dans toutes les possessions portugaises, et à sa place s'est imposé un système de contrat de travail, dont le principal objectif était de recruter un important contingent de personnes humbles, ignorantes et analphabètes des castes les plus pauvres de l'Inde et de les envoyer travailler à l'île Maurice, en Guyane britannique et au Natal, etc.⁽⁶¹⁾.

Quand l'obstacle de la religion a été levé en 1910 et les non chrétiens ont été admis dans les écoles portugaises, pratiquement tous les emplois dans les services administratifs et les professions indépendantes leur sont revenus.

Ainsi tous les habitants de Goa chrétiens, *batcar* (grands propriétaires) ou *mundcar* (petits propriétaires), ont considéré l'émigration comme leur seule chance de survie. L'émigration a été encouragée par le Gouvernement portugais, comme source de devises qui enrichissaient le trésor de Goa.

Une pétition élaborée en 1937 à Bombay et envoyée au Major Craveiro Lopes afin de résoudre les problèmes des chômeurs de Goa, ne sera jamais prise en compte.

Pendant la Deuxième Guerre mondiale, l'Inde avait subi le blocus économique et sur le plan alimentaire les habitants de Goa en furent affectés.

(55) PISSURLENCAR, P., *Os Primeiros Goeses em Portugal*, encart du *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, n° 31, Bastorá, Tipografia Rangel, 1936. «*les premiers indiens qui sont allés au Portugal étaient quatre pêcheurs hindous et un musulman, habitants de Calicut, lesquels Vasco de Gama avait pris avec lui en 1498, au retour de sa première voyage en Inde, pour avoir d'eux le parler et la pratique*».

(56) PISSURLENCAR, P., *Os Primeiros Goeses em Portugal*, encart du *Boletim do Instituto Vasco da Gama*, n° 31, Bastorá, Tipografia Rangel, 1936: «*pour fréquenter la cour et pour en apprendre les manières et la langue portugaise*».

(57) Idem. «*Raule Xette était représentant des orfèvres de la ville et probablement chef du village de Coraim das Ilhas*». Pendant l'année 1996, une exposition à l'église S. Roque à Lisbonne, était intitulé «*l'Héritage de Rauluchantim*».

(58) PISSURLENCAR, *op. cit.*

(59) PINTO, J. B., *Emigração Goesa*, 1958.

(60) DE MELLO partage cette idée, *Goa: A Little Portugal in the East*, article publié le 16 août 1954 dans le journal *East African Standard*, Nairobi, pp. 12-19.

(61) DE MELLO, *op. cit.*, pp. 12-19.

De Mello⁽⁶²⁾ affirmait qu'en 1947, existaient près de 70.000 émigrants de Goa. Gracias nous révèle que: «Au début des années 50 un grand nombre de personnes avaient émigré à cause du blocus économique car ceux qui travaillaient en Inde pour subvenir aux besoins de leurs familles ne pouvaient leur envoyer de l'argent à Goa. Simultanément le blocus a donné une impulsion à l'extraction de minerais»⁽⁶³⁾.

En 1958 Pinto écrivait: «On nous dit maintenant que Goa n'est pas une colonie comme on l'entend habituellement dans la terminologie légale ou ethnique, mais bien une province de la métropole portugaise, la ville de Goa est glorifiée et ses habitants, hindous, chrétiens et musulmans ne sont pas des Portugais indiens, comme ils étaient désignés jusqu'à présent, ni des citoyens de Goa, mais bien des citoyens portugais en chair et en os comme ceux de la métropole...

S'il en est ainsi les habitants de Goa de la République de l'Union indienne deviennent automatiquement des étrangers et seront soumis aux restrictions douanières, aux exigences de passeport et aux difficultés de déplacement entre deux pays. Le Portugal jusqu'à maintenant ne nous a pas sustentés de façon significative aussi bien à Goa qu'en métropole»⁽⁶⁴⁾.

Ces critiques mettent à nu, d'une part, les manoeuvres politiques infructueuses de Salazar pour justifier le maintien de la présence portugaise en Inde après la guerre de 1939-1945, et d'autre part, le statut de citoyen portugais qui compromettait sérieusement les relations économiques fréquentes de la population de Goa avec ses voisins immédiats.

Quant à l'autonomie financière de l'État portugais de l'Inde, elle est confirmée par les analyses de Teodoro de Matos⁽⁶⁵⁾.

Quelle était la démographie de Lisbonne au début des années 50? «Lisbonne concentrait 60% de la population de la région»⁽⁶⁶⁾. La population lisboisienne habitait le centre ville contrairement aux décennies précédentes.

Le graphique 6 fournit les données complètes sur la population de Lisbonne lors du recensement de 1981⁽⁶⁷⁾.

Le recensement de 1991 nous informe que: «en six décennies seulement se sont installées dans la région de Lisbonne 1.650.000 personnes, 68.000 à Lisbonne et 1.582.000 dans sa périphérie»⁽⁶⁸⁾. Ce qui signifie que de nos jours Lisbonne abrite près de 26% de la population totale de la région.

(62) SALAZAR, *Goa ans the Indian Union: Portuguese View*, Lisbonne, Agência Geral do Ultramar, 1956.

(63) GRACIAS, Fatima, *Qualidade de Vida na Goa Volonial: Expressão Higiênica (XIX-XXème siècle)*, in *Essays in Goan History*.

(64) PINTO, *op. cit.*

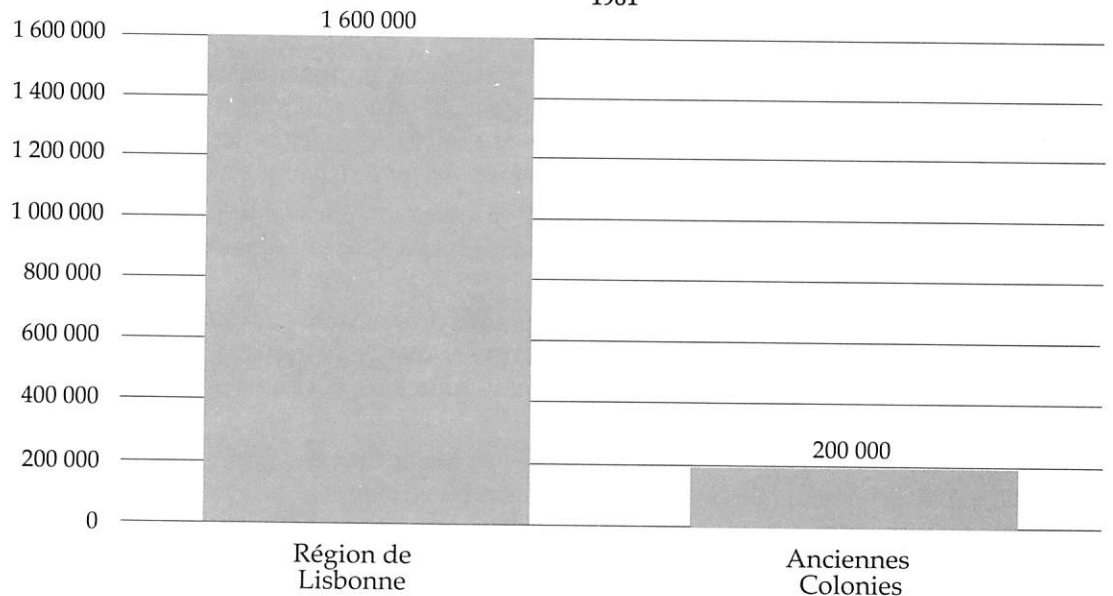
(65) voir la dissertation de l'auteur de cet étude.

(66) *Lisboa e Área Metropolitana. Censos 1991*, p.21.

(67) *Lisboa e Área Metropolitana. Censos 1991, (Dados Preliminares e Provisórios)*, janvier 1993, Gabinete de Estudos e Planeamento da Câmara Municipal de Lisboa, pp. 2-26.

(68) *ibid.*

Graphique 6 - Population de la Zone Métropolitaine de Lisbonne 1981



C'est seulement en 1993 que la Mairie de Lisbonne va essayer de donner une réponse à la présence de minorités dans la capitale portugaise en créant le *Conseil Municipal des Communautés immigrantes et des Minorités Ethniques*. Le rôle de cet organe qui est purement consultatif, a en son sein des représentants des associants d'immigrants dont le siège est à Lisbonne⁽⁶⁹⁾.

⁽⁶⁹⁾ Au sein de ce *Conseil Municipal* se trouvent représentées les maisons et associations d'Angola, du Cap-Vert, de Guinée-Bissau, São Tomé e Príncipe, Brésil et Goa. La communauté gitane et la communauté des réfugiés de Timor y sont également présentes. Voir *Lisboa, Acção Social*, Revista da Câmara Municipal de Lisboa, Année II, n.º 3, Janvier 1993. À consulter aussi le travail d'Ana Paula Cordeiro et Telma Viegas, *Lisboa, Cidade Multicultural*, présenté lors des Journées sur la "VILLE", pp. 349 à 377.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAPHY / BIBLIOGRAPHIE

- ALBUQUERQUE, Luís; GUERREIRO, Inácio
1985 - *II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa (ACTAS)*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical.
- ÁVILA, Patrícia; ALVES, Mariana
1993 - "Da Índia a Portugal - Trajectórias Sociais e Estratégias Colectivas dos Comerciantes Indianos", in *Sociologia, Problemas e Práticas*, (13).
- BASHAM, A.L.
1967 - *The Wonder That Was India*, New Delhi, Rupa Comp.
- BIARDEAU, Madeleine
1981 - *L'Hindouisme. Anthropologie d'une Civilisation*, Paris, Flammarion.
- BRITO, Raquel Soeiro de
1966 - *Goa e as Praças do Norte*, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar.
- CASA DE GOA
1991 - *Goa. Órgão de Divulgação Cultural da Casa de Goa*, Março/Junho - (5 e 6).
- COISSORÓ, Narana
1968 - *Goa: Terras e Tradições*, Lisboa, Separata de «Comunidades Portuguesas» (11), Julho.
- COSTA, João Paulo A. de Oliveira e
1992 - *A Missão de João de Brito, Cocujães (Portugal)*, Biblioteca Evangelização e Culturas.
- DUMONT, Louis
1966 - *Homo Hierarchicus. Essai sur le Système des Castes*, Paris, Gallimard.
- ESTEVES, Maria do Céu
1991 - *Portugal, País de Imigração*, Lisboa, Instituto de Estudos Para o Desenvolvimento.
- GOUROU, Pierre
1956 - "Goa. Algumas Observações de Geografia Tropical", in *Garcia de Orta*, Lisboa, Junta das Missões geográficas e de Investigação do Ultramar, Número Especial.
- JACKSON, J. A.
1991 - *Migrações*, Lisboa, Escher.
- JUMA, Imitaz
1992 - *A Medicina Portuguesa nos Descobrimentos*, Lisboa, ROCHE.
- KAMAT, Pratima
s.d. - "Historical Geography and Natural Resources", in *Goa Through The Ages*, s.l., Ed. Teotónio de Souza.
- KREBS, Norbert
1956 - "Goa", in *Garcia de Orta*, Lisboa, Junta das Missões Geográficas e de Investigação do Ultramar, Número Especial.
- MACHADO, José Pedro
1991 - *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, Alfa, 6 vols.
- MASCARENHAS, Mira
1989 - "The Church in Eighteenth Century Goa", in *Essays in Goan History*, New Delhi, Ed. Teotónio R. de Souza.
- MATOS, Artur Teodoro
1994 - *Na Rota da Índia. Estudos de História da Expansão Portuguesa*, Macau, Instituto Cultural de Macau, (8), Macau. (Documentos & Ensaios)
- MELLO
1954 - "Goa: A Little Portugal in the East", in *East African Standard*, Nairobi, 16 August.

- REGO, A. da Silva
1961 - *Lições de Missionologia*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, Centro de Estudos Políticos e Sociais, (56).
- REX, John
1988 - *Raça e Etnia*, Lisboa, Estampa.
- RIBEIRO, Orlando
1962 - *Aspectos e Problemas da Expansão Portuguesa*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar.
- ROBUSTO, Rodrigo Wolfango
1953 - *Goa - Terra Indo-Portuguesa*, Lisboa, ed. A.
- ROSAS, Fernando
1990 - "Dos Estertores da Crise à Paz Podre", in *Portugal Contemporâneo*, Lisboa, Alfa.
- S.A.
1987 - *Town & Country Planning Department*, Panaji-Goa. s.n.
- SOUZA, Teotónio R.
1989 - "Goa Through The Ages", in *An Economic History*, Goa, Concept Publishing Company, Goa University.
- THOMAZ, Luís Filipe Ferreira Reis
1965 - *O Cristianismo e as Tradições Pagãs na Índia Portuguesa*, Separata das «Actas do Congresso Internacional de Etnografia», Promovido pela Câmara Municipal de Santo Tirso, de 10 a 18 de Julho de 1963, vol. Quarto, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1965 .
1982 - "Estrutura Política e Administrativa do Estado da Índia no século XVI", in *II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*, Lisboa, s.n.
- V. T. GUNK
1979 - *Gazetteer of The Union Territory: Goa, Daman and Diu*, Part 1, Goa, Panaji.

INFORMAÇÕES ÚTEIS

USEFUL INFORMATION / INFORMATIONS UTILES

- **CASA DE GOA**
 - ⌘ Estrada da Luz, 56
 - 1500 LISBOA
 - ☎ 727 39 64 (à tarde)
- **FUNDAÇÃO ORIENTE**
 - ⌘ Centro de Estudos Orientais
 - Rua do Salitre 66/68
 - 1250 LISBOA
 - ☎ 315 28 24/30
 - 62 - 2ª, Salitre (1250) 3561368
- **INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA**
 - ⌘ Av. das Forças Armadas, Edifício ISCTE, Ala Sul - 1.º
 - 1600 Lisboa
 - ☎ 793 22 72
 - 796 49 53
- **INSTITUTO ORIENTAL**
 - ⌘ Universidade Nova de Lisboa
 - 26 - C Av. de Berna
 - 1050 LISBOA
 - ☎ 793 35 19; 793 89 28
 - 797 77 59
- **UNIVERSIDADE ABERTA**
 - ⌘ C.E.M.R.I. - Centro de Estudos das Migrações e Relações Interculturais
 - R. da Escola Politécnica, 147
 - 1250 LISBOA
 - ☎ 397 23 34
 - 397 32 29

Agradecimento:

Agradecemos penhoradamente a generosa colaboração dos sócios fundadores da "Casa de Goa".

